

Carlos Henrique Pereira Maia

Lud Helison

e sua estrela guia

2017

BIOGRAFIA

Nascido em São Fidélis (RJ), Carlos Henrique Pereira Maia é graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal Fluminense, servidor público do Governo do Estado do Rio de Janeiro e membro correspondente da Academia de Letras do Brasil.

APRESENTAÇÃO

Este livro pretende caminhar ao lado do leitor na procura do conhecimento da natureza filosófica e espiritual da existência, adotando a evidência como critério da verdade. Não traz lições de moral, mas, sim, situações que servem de pano de fundo para a reflexão, oscilando entre a realidade e a fantasia. O pensamento e o sentimento se completam para tornar o mundo habitável. As artes em geral, conjugando o pensar e o sentir, servem para tornar a vida mais suportável.

A literatura, em particular, como fonte de entretenimento e introspecção, expõe o homem ao mistério da existência e à reflexão sobre si mesmo e o mundo, tendo como instrumentos de expressão a prosa e a poesia. O conhecimento científico fundamenta-se na análise metódica da evidência dos fatos observados, ao passo que a beleza da criação artística só pode ser apreendida pelo senso estético.

PREFÁCIO

Este livro tem a intenção de fundir a cultura da razão e a cultura da superstição, apresentando ao leitor elementos mágicos na percepção da realidade com a preocupação estilística de não suprimir o ambiente real da visão estética do mundo. Pelo que depreendi da leitura, foi da união do mundo racional ao mundo sobrenatural que nasceu o universo de textos e contextos vividos pelos personagens deste romance realista e mágico. No ponto em que termina o limite da razão, começa a imaginação ilimitada.

A argumentação tem por fim chegar a alguma conclusão. Entretanto, todo debate suscita dúvida quanto o tema abordado é a vida. Nesse particular, todo diálogo é inconclusivo. Talvez não exista somente um universo, e sim um multiverso composto por várias dimensões de existência, cada uma delas apresentando um determinado grau de progresso intelectual e moral. Talvez no plano mais desenvolvido de alguma desconhecida dimensão do multiverso a vida não seja pouca, o amor tenha liberdade de expressão e a voz da indulgência não seja tão rouca a ponto de não conseguir dar nem pedir perdão. A estrela guia do protagonista deste livro é a virtude da indulgência. Por conseguinte, sendo Deus todo-virtuoso, não condenaria os pecadores aos campos de concentração do reino do inferno. A misericórdia divina explica e justifica a reencarnação.

Por mais remotas que sejam as épocas da História, podemos descobrir nelas muitas situações que estão presentes na contemporaneidade, bem como extrair delas muitos conhecimentos úteis à compreensão da realidade hodierna. As certezas são relativas, dependem da cultura social característica de cada período histórico. Os estudiosos de cada época analisam e explicam os acontecimentos de acordo com o sistema de valores morais e o estágio de conhecimento científico que lhes são próprios. Por isso, é necessária a pesquisa do processo histórico para compreender o mundo atual, mas é preciso também levar em consideração a dinâmica das mudanças de pensamento ocorridas ao longo do tempo em todas as áreas do conhecimento humano. A evolução humana é um processo contínuo de descobertas científicas e proposições filosóficas. O que hoje é considerado verdadeiro pode vir a ser falso amanhã. Nesse sentido, o homem, em todos os aspectos da sua essência espiritual, pode ser considerado um peregrino em busca da perfeição. O futuro melhor dirá a esse respeito.

O autor acredita que somos partes de um todo e que ninguém é autossuficiente. Apenas Deus se basta a si mesmo. Viver de sã consciência no ostracismo, indiferente ao relacionamento social, excetuando a hipótese de isolamento causado por algum transtorno mental, equivale a passar o tempo esquivando-se do convite ao autoconhecimento, na medida em que é por meio do questionamento do enigma alheio que conhecemos os diferentes traços da personalidade humana e obtemos a resposta para o nosso próprio mistério. A despeito de conviver com muitas dúvidas, Carlos Maia revela neste livro uma das poucas certezas que tem na consciência, que é a existência de uma espiritualidade que medeia o céu e a terra, da qual viemos, dependemos e para a qual retornaremos um dia, levando desta vida precíval o único bem imperecível, que é o aprendizado.

Leonardo Miquelam

INTRODUÇÃO

O processo civilizatório consiste nas sucessivas transformações dos costumes, princípios e valores que avançam, a longo prazo, em direção a um estado de equilíbrio na existência social dos indivíduos. Quanto ao direito à vida, o processo civilizatório brasileiro no contexto mundial ainda é incipiente. A indulgência é uma virtude que evita o cometimento de muitas atrocidades com as quais lamentavelmente estamos acostumados a conviver. A principal delas, por lesar o bem jurídico de maior relevância no ordenamento jurídico, é o homicídio doloso, ou seja, o homicídio praticado com a intenção de matar. Tanto no Brasil como em outros países, mata-se por qualquer motivo. Machismo, ciúme, inveja, dívida financeira, intolerância religiosa, preconceito racial etc. Por incrível que pareça, mata-se até por motivo de orientação sexual (homofobia). O discurso de ódio contra os homossexuais pode acabar na sala de autópsia de um Instituto Médico Legal. Parece um filme para doidos. A certeza da impunidade e a indiferença da sociedade estão entre os traços característicos da cultura da violência. Anualmente, as estatísticas criminais atestam a consumação de milhares de homicídios e feminicídios. Nenhum conflito armado no mundo sacrificou tantas vidas humanas na história recente da humanidade. Nem a guerra no Iraque. Pesquisas recentes indicam que as principais vítimas da violência e da criminalidade são os habitantes das periferias das grandes cidades. O Brasil disputa com outros países a liderança no grupo dos países mais inseguros do mundo.

O que faz o Congresso Nacional? Promulga leis penais com punições mais severas, como se o agravamento da cominação penal fosse a solução. Na lógica dos parlamentares, está resolvido teoricamente o grave problema da criminalidade, mas, na prática, a criminalidade desenfreada grassa pelo país afora. Alguns fatores fomentam a cultura da violência. Dentre eles vale destacar o individualismo, o consumismo, o preconceito de gênero e a competição capitalista. A vida está monetizada. Como pode ser observado no mundo atual, a vida excessivamente agitada e competitiva tem um alto custo social. Numa sociedade que valoriza a figura do competidor, vencer a qualquer custo é considerado um impulso normal, enquanto que a solidariedade é vista de soslaio, com olhos de esquelha, como uma utopia socialista.

A verdade, ainda que doída, é que o Estado Brasileiro é muito pequeno para administrar com eficiência os grandes problemas sociais contemporâneos, e ainda há quem propugne por um Estado Mínimo. Além disso, os governantes dão mais atenção à voz do mercado do que à voz do povo. A consequência dessa postura política é que a melhoria do padrão de vida está cada vez mais inacessível para a maioria da população. São necessárias políticas públicas de intervenção nas famílias mais vulneráveis à criminalidade. Este é o sentido social da vida: aproveitar o lado bom do mundo, combater o lado mau com as armas do Estado Democrático de Direito e legar, mediante o exercício ético da livre iniciativa, um mundo melhor às futuras gerações. A política, como pensada por Aristóteles, deve focar o aprimoramento moral da sociedade. O Brasil só deixará de ser um país anormalmente violento quando os governantes e os agentes econômicos deixarem de seguir a lógica do capitalismo selvagem e concentrador de renda, para desenvolverem um capitalismo civilizado e distributivo de renda. Na periferia das cidades, assim como nas favelas (comunidades), os bolsões de miséria criam e sustentam a violência.

A antropofobia é um termo psiquiátrico utilizado para designar a aversão ao ser humano. Na ótica da ideologia política conservadora, o trabalhador é visto como uma mercadoria renovável e o miserável como uma criatura desprezível. Trata-se de um transtorno da razão (irracionalidade) causado pelo vírus do liberalismo econômico neoclássico capitalista, introduzido no Brasil pela doutrina social democrata europeia. Os representantes do povo que sofrem dessa virose ideológica elitista sentem aversão pelos programas sociais, alegando, em desalinho com o bom senso, que o assistencialismo estimula a vagabundagem. O conservadorismo vai de encontro à predestinação humana à evolução moral e intelectual. Os liberais não conseguem lidar positivamente com a realidade socioeconômica dos países subdesenvolvidos. Por isso, não atentam para a necessidade de um Estado Social. Não merecem exercer cargos eletivos, porque são insensíveis às manifestações populares e não propugnam pelo bem de todos e pela felicidade geral da nação.

No marketing político, o vírus ideativo nada mais é senão uma informação, ou uma crença, que se reproduz no meio social por ação dos veículos de comunicação de massa. A manipulação midiática pode levar a pessoa infectada a desenvolver um quadro de ideia fixa capaz de produzir um estado de hiper-reatividade emocional a favor da informação, ou da crença, divulgada pela mídia nos pleitos eleitorais. É assim que as ideias, os ideais e as ideologias conservadoras se estabelecem e se estabilizam no fluxo temporal. Os noticiários de rádio, televisão e jornais transmitem mensagens previamente selecionadas de modo a favorecer os interesses da classe ideologicamente dominante.

Um problema puxa outro. Além dos elevados índices de homicídios intencionais registrados no Brasil, ainda existe o problema do tráfico internacional de pessoas. A hipossuficiência econômica garante a oferta de escravos ao tráfico de pessoas para o fim de exploração sexual. A mulher despe-se de sua condição natural de ser humano dotado de dignidade para vestir a embalagem de mercadoria reutilizável. A escravidão contemporânea, além de ser um legado cultural do período colonial, é também uma perversão do processo de globalização como instrumento de expansão do sistema capitalista. A ideologia consumista torna-se excludente quando transforma as populações socialmente vulneráveis em "refúgio humano", abrindo espaço para a conduta delituosa dos aproveitadores da desgraça alheia. A regulamentação da prostituição não é a melhor solução, pois daria à luz um proxeneta de Direito Público Interno, que seria vulgarmente conhecido por Estado-Cafetão. Ademais, segundo o princípio da responsabilidade objetiva, o Estado tem a obrigação de responder pelos seus atos ilícitos, como é o caso do rufianismo (crime contra a liberdade sexual), uma vez que as prostitutas teriam de recolher aos cofres públicos uma espécie de imposto sobre serviços sexuais (ISSS). Na falta de oportunidades de acesso ao mercado de trabalho formal, o instinto de sobrevivência pode preponderar sobre o sentimento de dignidade sexual. Quando isso acontece, surge a prostituição como estratégia de sobrevivência. A escolha de quem não tem outra escolha. De certa forma, a exploração sexual também é um homicídio, um homicídio emocional, por assim dizer, visto que provoca na mente da vítima a morte do seu bem jurídico psicológico mais vital: a autoestima. No entanto, nem tudo está perdido neste vale de lágrimas que é o planeta Terra, onde tudo se subordina ao poder aquisitivo da moeda, que não representa apenas um instrumento de troca, mas também o valor social do indivíduo na sociedade. A esperança num mundo melhor é a última que morre. Tal esperança, entretanto, depende de ações afirmativas nas áreas onde reside o interesse social, e não o interesse de grupos econômicos. Como escreveu Anne Frank em seu diário: “Apesar de tudo, eu ainda creio na bondade humana”.

CAPÍTULO I

Esta é a história de Lud Helison, o homem que se humanizou para, em seguida, aprimorar-se como pessoa no convívio social. Órfão de pai aos 26 anos de idade (seu pai se afogou no rio que cruzava a cidade um dia após a sua graduação em História), Lud não perdeu o rumo, malgrado o sentimento de luto. O pesado torpor não se apoderou da sua alma a ponto de deixá-lo prostrado. Nada restara da vida pregressa, a não ser a esperança de construir um novo mundo onde pudesse vislumbrar novos horizontes, em busca da sonhada realização profissional. Na pontuação da sua história, não era afeito a empregar o ponto final. Todos os reveses que sofrera na sua trajetória foram pontuados com uma vírgula, na medida em que o fracasso ensina a abrir a porta para o sucesso. Era capaz, como o mar, de decompor os resíduos de mágoa que flutuavam no coração nas vezes em que era alvo de amargas decepções. Lud Helison, filho de Heli, veio ao mundo com a leveza incandescente desta virtuosa estrela guia: a indulgência. A vida é leve quando encarada com a leveza da indulgência. Desta virtude todos os seres humanos necessitamos, já que ninguém é perfeito. Por isso, não há injustiça maior do que negar a alguém o direito natural de se tornar melhor, conhecendo-se e aprendendo com o mal a praticar o bem, mesmo porque ambos são imprescindíveis à evolução inerente à Natureza (física e espiritual). Segundo o moralista e escritor francês Jean de La Bruyère, "a indulgência é a virtude daqueles que se conhecem". O autoconhecimento é o que dá sentido à vida. Depois de provar o sabor emocional de alguns sonhos frustrados e outros realizados, Lud adquiriu o aprendizado de estar no mundo deste jeito:

- L - Vendo a grandeza da simplicidade;
- E - Aceitando mais e discriminando menos;
- V - Vendo a nobreza da humildade;
- E - Auxiliando mais e recriando menos;
- Z - Vendo a riqueza da honestidade;
- A - Amando mais e odiando menos.

Vivemos a era do egoísmo, disse certa vez o professor Lineu durante uma palestra no auditório da Universidade. Mais que isso, acrescentou o mestre, vivemos a era do egotismo, que é o egoísmo exacerbado. O culto exagerado do ego é a nascente do rio da intolerância, que traga e afoga tudo que vai ao encontro de pensamento hermético dos grupos radicais majoritários, em detrimento dos lídimos interesses dos segmentos minoritários da sociedade. Exemplos dessa realidade perversa são, dentre outros não menos importantes, a intolerância religiosa, o preconceito racial e o discurso homofóbico. Vale ressaltar que no atual quadro de instabilidade política, a corrupção público-privada de poucos tem ocasionado a penúria de muitos, que se veem privados de serviços públicos essenciais em decorrência do desvio e da lavagem do dinheiro público, que poderia ser investido na melhoria da qualidade de vida da população, principalmente das camadas sociais mais vulneráveis devido à maior hipossuficiência econômica. Se o ser humano, ainda moralmente imaturo, não aprender a perdoar, de boca e de coração, jamais será feliz, porque viverá sempre num ambiente hostil e enodado de indiferença, que é a essência da desumanidade. Ao final da

palestra, Lud fez questão de levantar-se da carteira e ir cumprimentar o historiador pela didática, pelo senso crítico e pelo interesse que despertou nos alunos pelos temas da atualidade.

Lineu costumava se vestir com camisas em tons de azul. Segundo a superstição do professor, a cor azul desperta a tranquilidade e atrai a felicidade. Na casa onde residia, o piso da sala era revestido por um carpete azul. Sobre a mesa da sala havia uma estatueta de Buda esculpida em granito azul norueguês, que é um mineral formado por lava vulcânica endurecida, grãos de quartzo, mica e silicato. A cor azul deve-se à presença de mica em sua composição. Ficara viúvo fazia dois anos e vivia em companhia de seu filho único, Leocássio.

Lud, que era solteiro, morava numa casa que lhe fora doada pelo pai antes do apagar das luzes de sua vida terrena. O carpete de náilon e o rebaixamento do teto tornaram o quarto de dormir mais aconchegante. Numa dessas noites de inverno, enquanto dormia aquecido pelo espesso cobertor, Lud teve um sonho esclarecedor que o marcou para sempre. Neste sonho inusitado, viu-se diante de sua própria imagem, como se estivesse em frente a um espelho suspenso no ar. A conversa transcorreu em tom amigável, porém sério.

— Se não eu, quem é você? — perguntou Lud, quebrando o silêncio.

— Eu sou o teu eu superior, o nível de consciência mais evoluído que possuis, a estrela que te guiará pelos caminhos evolutivos do plano material — respondeu a imagem com um ar de sinceridade.

— Você tem algo de importante a me dizer? — indagou curioso.

— Apenas esta indagação. Por que andas tão revoltado com a vida? — quis saber o eu superior.

— Porque me decepcionei com pessoas que eu julgava minhas amigas, mas que traíram a confiança que depositava nelas — explicou.

— O aprimoramento moral ocorre por etapas. Lenta e gradualmente em passos curtos e seguros. Na etapa atual, é crucial e impostergável que saibas que com a mesma chibata com que açoitares os teus desafetos hoje, também serás açoitado amanhã. Tal é a irrevogável lei do retorno da justiça divina — advertiu.

— O que você quer que eu faça então? — inquiriu impaciente.

— Abandona a vingança e abraça o perdão. Só assim viverás em paz contigo mesmo e com o mundo — aconselhou a voz da consciência.

Lud despertou com esse diálogo gravado na memória. Palavra por palavra. O relógio de pulso marcava seis horas, e o dia amanhecera exibindo um céu aberto. Esfregou os olhos para espantar o sono, levantou-se da cama e foi até à cozinha preparar o lanche matinal.

Pão com manteiga e café. O de sempre. Enquanto fazia o café, refletia detidamente sobre o que sonhara naquela noite de inverno. Por algum instante, a brisa que atravessava a janela tocou-lhe o rosto com suavidade, ao mesmo tempo que um perfume agradável dominava o ambiente.

No terreno arborizado que ladeava a casa onde residia, as aves canoras pousadas nos galhos das árvores encopadas soltavam o canto mavioso, completando a beleza daquela manhã radiante. O Sol espargia raios de luz que revelavam as variadas cores das paisagens exuberantes que durante a noite tiveram a vivacidade desvanecida pela densa escuridão. Em algum momento daquele dia ímpar de sua vida, Lud tomou a decisão de seguir o conselho de seu eu superior, que enxerga além do que a visão corporal pode alcançar, passando a perdoar primeiro para depois julgar, consciente e conformado com a própria e a alheia imperfeição. Além disso, percebeu também, com um assomo de bom senso, que, por força da condição existencial humana, tão penosa e insegura, o que muitas pessoas precisam realmente é de ajuda, não de punição, uma vez que uma atitude de solidariedade causa condicionamento — gentileza gera gentileza —, enquanto que um gesto de agressividade provoca resistência — violência gera violência —, em razão disso, enquanto houver

algum bom senso nas relações sociais haverá alguma possibilidade de boa convivência na sociedade. O perdão pode até não reatar uma relação rompida, mas não agravará a desarmonia; a vingança, por sua vez, transformará a desavença num mar bravio de águas enturvadas pelo rancor, que além de não resolver problema nenhum, ainda pode levantar uma enorme onda de infelicidade.

No entanto, a indulgência, como tudo mais na vida, tem limite, diz o senso comum de justiça. O criminoso pode ser perdoado, mas o crime jamais. A atual crise política do Brasil pode ser revertida, mas se depender apenas dos políticos, sem a participação efetiva da sociedade organizada, será sempre um sonho impossível de ser realizado pela via democrática.

— Se é a vontade do povo brasileiro eu promoverei a abertura política no Brasil, mas chegará um tempo que o povo brasileiro sentirá saudade do Regime Militar, pois muitos desses que lideram o fim da ditadura não estão visando o bem do povo, mas, sim, os seus próprios interesses — profetizou o ex-presidente Ernesto Geisel.

Problema crônico no Brasil, a corrupção política é um delito que grassa historicamente pelo país afora e diariamente a sociedade se depara com a sua face mais descompromissada com a coisa pública. A boa consciência diz que a política consiste na melhoria contínua do processo de consolidação da democracia representativa a fim de elevar a nação a um patamar de desenvolvimento socioeconômico que enseje uma existência pacífica, digna e com igualdade de direitos e oportunidades para todos os cidadãos. Se não edificar, não serve. E se não serve, precisa ser reformada. Lud Helison não admirava os poderosos; admirava os talentosos. Em seu sistema de valores, o poder é autoritário — corta as asas da liberdade de ação afirmativa; o talento, por sua vez, é libertário — dá asas à liberdade de expressão criativa. Onde o poder impera, há obediência cega; onde o talento prospera, há independência da visão. Essa era a opinião que formou a respeito do poder político. Leitor habitual de livros de poesia, certa vez aventurou-se a escrever um poema. O resultado foi este:

DEUS É AMOR

Generoso e amante,
Grande artista da natureza,
Criador de toda beleza,
Formoso e cativante.
O amor está na origem
De toda criatura humana,
Está na vida selvagem,
E na vida urbana.
Alguns o chamam de Deus,
Outros, de Jeová,
E ainda outros, de Buda;
Mas isso em nada muda
A espiritualidade que há
Nos crentes e nos ateus.
Os homens são desiguais
Na sua dimensão espiritual,
Embora sejam iguais
Na sua dimensão carnal.
Da diversidade de maneiras

De pensar e de agir,
A natureza fez surgir
A solução verdadeira
Para toda discordância,
Dando à luz do mundo
A semente da tolerância
E um terreno fecundo
Para germinar, e crescer,
E dar a quem quiser receber
O amor que por demais merece,
E ao mundo a paz de que carece.
O amor acalma os ventos,
E abranda os sentimentos.
É preciso que seja ensinado,
Fervorosamente e com perseverança,
Que o perdão incondicionado
É uma necessidade humana,
E a vingança,
Uma fúria insana.

CAPÍTULO II

Triste época! É mais fácil remover uma montanha da cordilheira do que a corrupção, não da Política, mas dos políticos. A Política é o sangue do organismo social. Por meio dela, transitam as ideias e os valores que nutrem e sustentam as organizações democráticas na consecução de um ambiente de oportunidades produtivas equânimes para o capital e o trabalho, tendo como linha de chegada o bem-estar das famílias, que são as células da sociedade.

A ética na política não pode ser diferente da ética nas famílias, uma vez que nestas são criadas e educadas as crianças que, na idade adulta, tornar-se-ão representantes do povo. Por outro lado, a corrupção sistêmica nesses tempos modernos é a perversão inconsequente do conceito sociológico de Política. Triste época!

A cultura da virtude precisa ser propalada não só no Brasil como em todo o mundo. Do ponto de vista do professor Lineu, que Lud tinha como um guru, “a virtude é uma disposição voluntária adquirida que consiste, em relação a nós mesmos, na medida definida pela razão em conformidade com a conduta de um homem ponderado. Ela ocupa a média entre duas extremidades lastimáveis, uma por excesso, a outra por falta”. Dizia ainda em suas palestras que “enquanto, nas paixões e nas ações, o erro consiste ora em manter-se aquém, ora em ir além do que é conveniente, a virtude encontra e adota uma justa medida”. De fato, “embora a virtude, segundo a sua essência e segundo a razão que fixa a sua natureza, consista em uma média, em relação ao bem comum e à perfeição ela se situa no ponto mais elevado”, ensinou o filósofo Aristóteles.

Por isso, à luz da filosofia aristotélica, pode-se sugerir que:

Enquanto houver autoconfiança,
A segurança tranquilizará.
Enquanto houver benevolência,
O bem prosperará.
Enquanto houver contentamento,
A alegria sorrirá.
Enquanto houver coragem,
A perseverança vencerá.
Enquanto houver desapego,
A justiça vingará.
Enquanto houver concórdia,
A paz reinará.
Enquanto houver determinação,
O sucesso progredirá.
Enquanto houver disciplina,
A organização prevalecerá.
Enquanto houver docilidade,
O olhar cativará.
Enquanto houver empatia,
O amor acolherá.
Enquanto houver entusiasmo,

A euforia contagiará.
Enquanto houver estabilidade,
O equilíbrio perdurará.
Enquanto houver tolerância,
A harmonia triunfará.
Enquanto houver generosidade,
O desprendimento amparará.
Enquanto houver prudência (ecológica),
A vida respirará.
Enquanto houver honestidade (e respeito),
A amizade viverá.

CAPÍTULO III

Lud e Lineu encontraram-se no início da noite de uma sexta-feira no restaurante que costumavam frequentar. O restaurante reproduzia a arquitetura de um chalé suíço, com telhado de madeira em forma triangular. Nesse dia, os jornais noticiaram a prisão de cinco homens acusados de aliciar mulheres para o mercado de prostituição, uma atividade ilegal que muitas vezes é camuflada por atividade legais, como o agenciamento de garçonetes e dançarinas. Esse foi o assunto que escolheram para conversar durante o jantar. Sentados à mesa, um de frente para o outro, o professor abordou o assunto que suscitava um interesse crescente por parte de Estados e organizações não governamentais. Lud iniciou a conversa perguntado ao professor:

— O que você pensa a respeito do tráfico de mulheres?

— A Antropologia denomina de etnocentrismo, meu caro aluno, a atitude dos grupos sociais de valorizarem ao máximo, como as melhores e as mais corretas, as suas formas tradicionais de pensar, sentir e agir coletivamente. A diversidade se manifesta na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos sociais que compõem não só o povo brasileiro, como também toda a humanidade. Conviver, respeitar e promover a diversidade é fundamental para que todas as pessoas tenham igualdade de oportunidades de crescimento material e espiritual, além de combater os preconceitos de cor, gênero, idade e religião. O desafio da democracia é consolidar as conquistas sociais e reforçar o diálogo a nível nacional com vistas a futuras conquistas que atendam ao bem comum. A realidade de uma sociedade livre, justa e solidária nascerá da concretização a longo prazo do sonho de termos em nosso país uma população economicamente ativa com mais oportunidades de emprego e renda, garantindo a qualidade de vida almejada pelas famílias brasileiras. Para que esse sonho se torne realidade, a sociedade política precisa contar com a participação de todos, sem preconceito e todas as formas de discriminação.

— Como a política pode ser utilizada para combater a injustiça social — indagou Lud.

— O dinheiro é a mola mestra do mundo, como você sabe. As camadas mais pobres da sociedade são as menos favorecidas pelo Estado e, por conseguinte, as mais vulneráveis. As teorias e os fatos nem sempre andam de mãos dadas. No mundo teórico, a escravidão é uma perversidade revogada pelo ordenamento jurídico. No mundo fático, todavia, a escravidão ainda é o terror de inúmeras pessoas em estado de hipossuficiência econômica pelo planeta afora. O motivo principal para essa perversidade é o descumprimento do texto legal, escrito e promulgado apenas para contornar diplomaticamente a pressão internacional exercida pela ONU e por diversas organizações não governamentais que propugnam pelos direitos humanos. Em muitos países, a defesa da dignidade sexual não representa a vontade da cúpula governamental. Em pleno século 21, ainda existem rufiões espalhados pelo planeta, muitos deles na condição de cidadãos acima de qualquer suspeita. O aliciamento de mulheres e crianças bonitas para o fim de exploração sexual exige a atenção dos países comprometidos com a proteção da dignidade da pessoa humana, seguida de medidas eficazes no combate à escravidão contemporânea. No processo de erradicação gradual da miséria, são imprescindíveis políticas públicas de assistência às famílias passíveis de marginalização. O tráfico internacional de pessoas consiste em promover ou facilitar a entrada ou a saída de pessoas para o fim de exploração sexual, que é a utilização sexual de pessoas com finalidade lucrativa.

— Como ocorre a marginalização social? — quis saber Lud.

— A extrema pobreza cria e sustenta a escravidão humana. A entrada na prostituição deriva de uma mescla de engano, dívida e coação. No tráfico internacional de pessoas, as vítimas são aliciadas com falsas promessas de uma vida melhor, com possibilidade de enriquecimento fácil e rápido. O Brasil é um país de origem. Fornece prostitutas para outros países, principalmente Portugal, Espanha e Itália. Por via aérea, o crime de tráfico humano ocorre no momento em que a aeronave cruza o espaço aéreo das águas lindeiras do país, levando para outras terras um pouco de nossa alma patriótica, de nossa brasilidade. Quando chegam ao país de destino, porém, descobrem que a realidade é outra, os passaportes são apreendidos e as vítimas são obrigadas a se prostituírem até que a dívida, incluindo o preço da passagem aérea e os adicionais de hospedagem e alimentação, seja totalmente paga. A escrava sexual é induzida ao medo por meio de ameaça e violência sem motivo aparente, perde o senso de autonomia e, convencida de que o agressor é onipotente, não consegue se desvencilhar da subjugação. Desse modo, a escravidão nunca encontra um termo. O consentimento da vítima é irrelevante em toda e qualquer situação de exploração sexual. Quando envolve crianças e adolescentes, a configuração do tipo penal dispensa os meios ilícitos, cuja utilização por parte dos traficantes é presumida, bastando que se verifique a prática das ações de recrutamento, transporte, transferência, alojamento ou acolhimento das vítimas — explicou o mestre.

— No Brasil, a escravatura foi oficialmente abolida com a promulgação da Lei Áurea em 1888. Contudo, o tráfico de pessoas ainda existe no país em sua versão atualizada, a chamada escravidão moderna. Naquela época, os escravos eram unidos com o açoite ou a pena de morte quando dirigiam aos patrões qualquer agressão verbal ou física. Não havia perdão — aduziu Lud antes de dar a última garfada na macarronada à piemontese.

— Além da exploração sexual, que já abordei, existe também o tráfico de menores para o fim de trabalho forçado. Muitas vezes, essas crianças são mutiladas e obrigadas a mendigar pelas ruas da cidade, prestando contas aos seus senhores no final do dia. O dinheiro é um bem escasso e a maldade humana é ilimitada. O comércio de escravos é a expressão perversa da economia de mercado — concluiu Lineu colocando os talheres sobre o prato.

CAPÍTULO IV

A sociedade industrial, que surgiu com o advento da Revolução Industrial, exige das pessoas mais racionalismo do que sentimentalismo. Atualmente, vivemos na era do capitalismo financeiro e da alta tecnologia. O mundo globalizado está assentado na oportunidade do lucro e na velocidade da informação. Por isso, as artes são, mais do que nunca, vitais ao equilíbrio emocional, na medida em que fornecem um coração (sede dos sentimentos) a um mundo que prioriza o cérebro (raciocínio lógico), e que privilegia a linguagem dos números. As artes dialogam mais com o coração do que com o cérebro.

A pessoa pode alimentar um desejo, mas se não tiver atitude, por se sentir impotente diante do desafio de realizá-lo, em relação a esse desejo sentirá desapontamento consigo mesma, e esse estado de espírito atrairá mais situações frustrantes. Assim, a pessoa continuará a receber circunstâncias desapontadoras nas quais não conseguirá realizar o desejo que mudará a sua vida para melhor. Muitas das nossas frustrações surgem do fato de apenas pensarmos, quando devíamos também sentir. A força transformadora do amor moverá todas as circunstâncias para que a pessoa realize o seu desejo, o Universo mover-se-á a favor dela, desde que esteja receptiva às mudanças. Quando alguém modifica a maneira como se sente a respeito de uma situação, passa a irradiar um sentimento diferente, e a situação terá de mudar para entrar em sintonia com o seu campo vibracional. Os sentimentos expandem ou contraem a criatividade necessária à realização do sonho. Se um fato negativo aconteceu no passado, e se ele ainda repercute no presente, o indivíduo não pode mudá-lo, mas pode mudar o sentimento em relação a ele. Nunca é tarde para recomeçar, pois cada momento é uma nova oportunidade para se criar uma maneira positiva de se sentir em relação ao passado. Para transformar qualquer sonho em realidade, é imprescindível acreditar no potencial criador, e adotar um sentimento condizente com o objeto do desejo, que seja capaz de transformá-lo em realidade. Quando o passado representa uma pedra no caminho que leva à felicidade, um meio eficaz para se absolver a consciência e passar a conviver pacificamente com o passado é compreendê-lo e perdôá-lo, porque não há como voltar no tempo para corrigir os erros e excessos cometidos. A indulgência é a estrela guia no caminho da paz interior.

O sonho é a força mental capaz de trazer para a existência a realidade que ainda não existe. Os sentimentos positivos funcionam como ímãs espirituais que atraem o concurso favorável do Universo para que o sonho se transforme em realidade. A epifania da existência pode ser a brisa que afaga os desejos, como pode ser também o tufão que devasta as esperanças. O planeta Terra é um vale de lágrimas, algumas de alegria, outras de tristeza, dependendo da qualidade da energia que o espírito irradia.

Uma semente doentia não produz uma árvore sadia, tampouco uma criança corrompida gera um adulto que adicione valor às instituições sociais. Uma sociedade livre, justa e solidária surge da liberdade, da justiça e da solidariedade aprendidas na infância, quer no seio da família, quer na sala de aula.

A vida representa o amor compartilhado, o mundo é a partilha do prazer escasso. A vida acolhe e cuida, o mundo tolhe e manipula. A vida é o verso da Natureza, o mundo é o seu anverso.

A realidade deve ser vista com os olhos da razão, com os pés no chão, mas precisa também ser sentida pelo coração, numa atitude de aceitação que alimenta a esperança de um mundo melhor

para a posteridade. Pode ser tudo, como pode também ser nada. É tudo quando está plena de realização, é nada quando está vazia de emoção. A vida é a realização da emoção sonhada, pretendida. Existe amor no conjunto multifário da realidade, no barro que o oleiro transformou em vaso, porque o vaso é belo, e no diamante bruto que o lapidário transformou em brilhante, porque o brilhante é belo. Amar a vida é extrair da realidade cognoscível a beleza perceptível pelos olhos invisíveis do espírito.

O amor é o sentimento supremo, expressa a concretude e a abstração divinas que penetram pelos poros da alma e atingem o âmago do homem, o seu pomar interior, onde cultiva e colhe, dia a dia, a inspiração para a sua existência. O amor é uma realidade interior, porque é a harmonia traduzida em sentimento.

Em tudo o que cria para ser feliz, o homem deve atentar para o amor, porque sem amor a vida não faz sentido. O amor é o principal componente da criatividade, posto que Deus, o criador do tempo, do espaço e da vida, é puro, infinito e incondicional amor. O amor encurta a distância entre os corações afastados e soa em uníssono com o coral das criaturas angelicais.

A vida é um momento carente de explicação, mas repleto de mistérios que a tornam fascinante. Completa-se com a morte, mas não se extingue com ela. O amor exalta o prazer e suporta a dor. Às vezes, nasce do espanto e, às vezes, do acalanto. Observa a diversidade filosófica, mas segue na contramão da intolerância, porque a paz social exige a convivência indulgente das diferentes crenças e opiniões. Tem todas as cores do espectro, mas se apresenta também sem nenhuma delas. Mostra o verde da esperança, o azul da serenidade e o vermelho da paixão, mas revela também toda a solidão incolor do mundo quando não é correspondido. O amor nasce da união, jamais da solidão, e procura na dualidade da existência a unicidade da sabedoria, tirando dos bons e maus momentos da vida as alegrias merecidas e os ensinamentos necessários para a conquista da felicidade, com a firme convicção de que o mal não existe, sua presença é somente a ausência do bem, assim como a escuridão também não existe, é apenas a falta da luz. Seja qual for a situação, sempre há espaço para a expressão do amor.

Nos momentos críticos da vida, Lud procurava encontrar em algum recôndito da alma a esperança de ver a vida sorrir para ele com sinceridade, sem máscara. Por alguns anos, teve na solidão a companheira inseparável. Ao longo da vida, os sonhos foram muitos e variados, mas nenhum dos sonhos vividos no passado o remetera a um futuro melhor. Tudo era silêncio. No fundo da alma, não queria aceitar a ideia de que estivesse exânime para a vida social. No momento que Lud conheceu o poder da fé, passou a viver os seus melhores dias. Nessa ocasião, depois de muita reflexão, descobriu que não poderia contemplar a beleza natural, nem cultivar a beleza espiritual, se não guardasse e aprimorasse o amor no espaço insondável do coração. Isso ocorreu durante uma missa dominical, quando sentiu a tangibilidade de Deus enquanto orava de joelhos, o que fez com que as lágrimas escorressem pelo rosto pálido. Se outrora eram de tristeza, nesse domingo foram de alegria. A névoa de gelo que envolvia o seu espírito desapareceu, permitindo que as estrelas voltassem a cintilar no céu do seu mundo interior. Lud tornou-se forte na fé que o fortalecia. Registrada na memória estava a chuva ácida trazida pelos ventos contrários, pelas adversidades que enfrentou na vida. Em razão da fé esclarecida, desenvolveu o hábito de rezar diariamente em agradecimento pelos ventos de esperança que lhe restituíram a paz de espírito.

Inspirado pelos tons vibrantes de seu novo estado de ânimo, Lud pegou papel e caneta e escreveu este poema:

Ainda que o vazio dessa noite aterradora se eternize
E sepulte em seu abismo profundo a luz da manhã,

Mesmo assim haverá sempre o limiar de um novo amanhã
E um feixe luminoso de esperança cruzando o céu fechado
Com o bálsamo que impedirá que a fé combalida agonize
E desfaleça no fundo sem base do mausoléu do passado.
As noites em claro não seriam tão vazias e solitárias
Se as saudades dos dias idos não fossem tão várias.

Ainda que a foice sombria da morte,
Erguida pela mão do Cavaleiro das Trevas,
Mutile o coração que pulsa esperançoso,
Mesmo assim haverá sempre o punho forte
De um anjo mensageiro vindo das iluminadas esferas
Para afugentar as sombras funestas do vale tenebroso.
Para quem crê em Deus, a morte é um novo norte;
Para os faltos de fé, a morte é mesmo a morte.

Ainda que o poeta assista ao velório e enterro
Do poema de amor que não conseguiu criar,
E que poderia ter sido seu filho mais lindo,
Ais convulsos não haverá o poeta de expressar,
Mesmo que o luto lhe cause um fusco desespero,
Pois os sóis da inspiração continuarão reluzindo.
O poeta não faz versos como e quando quer;
Os versos nascem como e quando a poesia vier.

Ainda que na vida cada um procure o que deseja,
Nem sempre o que busca é aquilo que precisa ter,
Mesmo que em detalhes a si mesmo conheça,
Visto que toda ventura que no mundo almeja
Pode lhe ensejar o bem que porventura mereça,
Mas talvez não lhe traga o que precisa para crescer.
O sucesso não está em ser melhor ou chegar primeiro,
Mas, sim, em fazer o melhor possível e ser verdadeiro.

Ainda que faltem palavras no dicionário
Para expressar a dimensão imensurável do sentimento,
Sobejam luas nas noites estreladas, cheias e novas,
E o sonho de transcender o ser humano
Para ser eterno, um ilimitado visionário
Das sutilezas que fogem à visão do pensamento,
E ver se há beleza na harmonia das formas,
Mesmo em face de ofuscantes enganos.

A vida tem momentos; cada momento, uma emoção;
E as pessoas recebem dela a medida do que a ela dão.
Fosse essa vida um imenso mar das rosas,

Com luzes coloridas as estrelas cintilariam,
Mais vida teriam certamente as vidas nossas
E perfumados intensamente os céus seriam.
A poesia não assinou seu fim; ainda vicejam cores
Em seu jardim e a plumagem linda dos beija-flores.

Quando era menino, Lud acreditava que poderia mudar o mundo quando crescesse, e que receberia gratidão em resposta à sua generosidade. No entanto, ao longo dos anos, muitas vezes foi tratado com gentileza pela frente e zombaria pelas costas. Quem lhe jurava lealdade num dia, tramava a sua queda no dia seguinte. Indulgente que era, nunca esboçou um gesto de vingança, pois via nos desafetos muitos dos seus próprios defeitos. Tudo em que acreditou, com o passar do tempo, revelou-se pura ilusão, expectativa frustrada. Aprendeu na escola da vida que é melhor encarar a falsidade com clareza do que tentar se convencer de uma sinceridade imaginária. Sonhou durante muito tempo, tropeçou pelos caminhos acidentados, foi ao chão, mas sempre se levantou e seguiu em frente. Em vez de tentar controlar o comportamento alheio, como fazia no passado, passou a procurar o poder sobre si mesmo, sobre os pensamentos e sentimentos. Enfim, acendeu no coração a fogueira coruscante da fé, e nunca mais sentiu o frio paralisante da incredulidade. Depois de ter navegado por um mar de incertezas, criou raízes no espírito de Lud a certeza de que a vida continua após a morte e o homem é um constante vir a ser até atingir a perfeição.

Vinte anos depois, já com o cabelo grisalho e acometido de cardiopatia, Lud lecionava História em duas escolas públicas, além de dar aulas particulares em casa. Era noite de uma segunda-feira de inverno. No frio daquela noite, o vento lhe fustigava a pele. A chuva havia cessado, e as nuvens cinzentas evadiram-se do céu, dando lugar à Lua e às estrelas. O luar escorria pelas rochas escorregadias e acalmava as plantas com a sua serenidade. Lud ficou quieto, em sintonia com o silêncio soberano da noite fria. O sono veio dessa tranquilidade. Adormentou-se enrolado no edredom que cobria a cama. O dia seguinte amanhecera ensolarado, espantando o frio cortante que o afligira durante a noite. A névoa desfez-se, e o Sol brilhava no céu aberto. O gorjeio dos pássaros encarapitados nos galhos das árvores encopadas conferia uma sonoridade tranquilizadora ao ambiente. “Senhor, obrigado por mais um dia!”, exclamou no íntimo ao despertar, enquanto apreciava o voo das aves pela janela do quarto. Abraçou o travesseiro, querendo dormir outra vez, mas o sono não veio. O sono tinha ido embora, deixando apenas a lembrança do que havia sonhado. Era bom estar ali, em paz consigo mesmo. Olhando para o azul do céu, recordou o sonho que tivera naquela noite gélida. Neste sonho, viu-se atravessando um rio num barco a remo, quando se deparou com um homem vestindo uma túnica branca e reluzente. A fisionomia não lhe era estranha. Atrás dele havia três cavaleiros montados em cavalos de pelo negro, dispostos um ao lado do outro, cada qual com uma espada embainhada na cintura. Estavam todos postados sobre a água lamacenta do rio. Cerrando os olhos, o homem concentrou-se e louvou o nome de Deus, ao que se seguiu o estrondo de um trovão, que o ensurdeceu por um instante. Depois disso, o homem disse-lhe em tom suave:

— Em nome do Pai, eu o declaro obreiro de Deus. Ore e vigie. Prepare-se!

Em seguida, os cavaleiros empunharam as espadas e as apontaram na direção de Lud, que viu sair delas um jorro de luz dourada que o envolveu por inteiro. Notou que os cavaleiros sorriam, e os seus olhos eram intensamente vermelhos. Pareciam rubis com lapidação brilhante. Apesar de surpreso, demonstrou gratidão pela honra de integrar o exército divino juntando as mãos na altura do peito. Assim que terminou o gesto de agradecimento, despertou do sono.

CAPÍTULO V

Levantou-se da cama e foi até a sala. Sentou-se no sofá e, introspectivo, refletia sobre o sonho inusitado. “Será que eu fui eleito por Deus?”, indagou-se em silêncio. Nunca antes acreditara em sonhos, mas aquele foi muito real. Afora esse, não havia experimentado até então outro sonho no qual tivesse tanta consciência de si mesmo, como se estivesse acordado. Ao anoitecer, saiu de casa para dar uma caminhada. Já tinha andado uns dois quilômetros quando, repentinamente, deparou-se com um cão que avançava em sua direção, mas, em vez de atacá-lo, o cão parou diante dele e ficou latindo, como se quisesse lhe dizer algo muito importante. Em seguida, o cão deu-lhe as costas, afastou-se alguns metros, virou-se para ele e voltou a latir alto. Lud entendeu que o cão queria que ele o acompanhasse, e foi isso que decidiu fazer. Seguiu o cão até a beira do rio. Nesse momento, fitando o céu estrelado, lembrou-se do sonho. Tudo acontecera naquele rio de águas turvas. O cão abocanhara uma folha de papel, e a levou para perto dele. Deixou-a sobre a grama, e correu em direção ao matagal, perdendo-se de vista. Lud agachou-se, pegou a folha de papel, dobrou-a e colocou-a no bolso do casaco de couro. Naquela escuridão, sem uma lanterna, não conseguiria ler o que estava escrito. Retornou para casa apressado, porque estava ansioso para saber o que dizia aquela carta. Durante o trajeto de volta, tentou lembrar-se do que fizera na parte da tarde daquele dia, mas nada lhe ocorria na memória. Era como se não tivesse existido. Preocupado com o horário, pediu a um pescador, que vinha em sentido contrário, que lhe prestasse essa informação. No entanto, não foi atendido. O pescador passou por ele sem lhe dar atenção. “Que sujeito mal-educado!”, queixou-se indignado. Atônito e apressado, seguiu adiante.

Quando atravessou o último cruzamento da rua onde residia, percebeu que havia uma ambulância do Corpo de Bombeiros Militar estacionada na frente da casa em que morava. Acelerou os passos tentando alcançá-la, mas o veículo arrancou antes que chegasse a tempo de se informar sobre aquela ocorrência. Sem ter com quem obter alguma informação, já que ninguém lhe dava ouvidos, correu para dentro de casa. Não foi necessário abrir a porta. Sem que percebesse, ele a atravessou. Sentou-se no sofá da sala de estar e ficou pensativo, tentando entender aquela situação estranha, inesperada e sem explicação aparente. O que teria acontecido na tarde daquele dia? Pensou em ligar para o professor Lineu, mas lembrou-se de que o mesmo viajara para o exterior e só retornaria na semana seguinte. Enquanto tentava arrancar da memória a lembrança do que fizera no período vespertino, pegou o bilhete, desdobrou-o e pôs-se a ler o recado. A mensagem manuscrita dizia isto: “Seu corpo físico faleceu durante a tarde de hoje, enquanto você dormia. Seja bem-vindo ao mundo espiritual”. Logo abaixo do texto constava o nome do seu falecido pai, que havia se afogado nas águas do rio num acidente que sofrera durante uma pescaria. Hesitava entre acreditar e duvidar. Nesse instante de perplexidade paralisante, lembrou-se de que o cão que o conduziu até o rio era idêntico ao que pertencia ao seu falecido pai. O cão também tinha morrido afogado naquela trágica pescaria. Todo o seu pensamento estava focado em encontrar uma explicação para o estado inusitado em que se encontrava naquele momento. Sem ação, Lud notou quando um calor estranho tocou-lhe o rosto delicadamente, ao mesmo tempo que sentia um perfume agradável no ar. De repente, um vulto brando passou rapidamente pelos seus olhos e desapareceu em seguida. Há relatos que dão conta da existência de um mundo paralelo cuja dimensão eventualmente coincide com a dimensão terrena, permitindo a visão de sombras

com aspecto humanoide que se deslocam no ambiente e desaparecem quando percebidas. Cético em relação à comunicação mediúnica entre espíritos encarnados e desencarnados, até aquele dia Lud nunca dera importância aos relatos de fenômenos sobrenaturais. Enquanto refletia sobre o que poderia ter acontecido com ele, Lud sentiu alguém segurar a sua mão direita. Sentiu um arrepio, mas controlou o medo. Em seguida, olhou para o lado e percebeu que era o homem com quem havia sonhado na noite anterior. Com ar de ternura, ele disse-lhe calmamente:

— Eu sou o seu pai. Desencarnei um dia após a sua graduação em História durante uma pescaria. Estive ao seu lado durante toda a sua vida e agora vim buscá-lo. De hoje em diante, você viverá a verdadeira vida. Não creia que Deus se vinga dos nossos pecados. Deus não é vingativo. Antes, é bom e justo. O sonho acabou, mas a vida não. Vamos, meu filho, de volta ao nosso lar, mas antes rezemos ao Senhor em agradecimento pela indulgência com que nos tem tratado desde a nossa criação. De mãos dadas, oraram assim:

PAI NOSSO

Pai nosso que estais no Céu,
santificado seja o Vosso Nome,
venha a nós o Vosso reino,
seja feita a Vossa vontade,
assim na Terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
Perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido,
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal.

CAPÍTULO VI

Era o começo da primavera. O rigor do inverno passara. Naquela manhã primaveril, Lud, já no mundo espiritual, caminhava tranquilo pelos campos da colônia espiritual, pensando nas pessoas queridas e admirando a paisagem coberta de vegetação rasteira adornada com frondosas árvores esparsas. Desviando o olhar para a esquerda, percebeu que uma mulher caminhava em passos curtos em sua direção. Exibia um semblante sorridente e parecia ter algo importante a lhe revelar. Lud virou-se, deu mais alguns passos e parou, esperando pela mulher que vinha ao seu encontro. Assim como ele, ela também trajava uma túnica branca como a neve. Os olhos cor de mel luziam como diamantes com lapidação brilhante. A palavra diamante vem do vocábulo grego *adamos*, que significa invencível. A presença dela exalava um perfume agradável e o perfume transmitia uma sensação de profunda paz. À medida que a mulher se aproximava, o aroma inebriante ia ficando cada vez mais intenso. Havia um ar de bondade em seu olhar luzente quando parou diante de Lud. Na mão direita trazia um bilhete.

— Qual é a sua graça? — perguntou Lud com os olhos fixos nela.

— Pode me chamar de Vega — respondeu a mulher de maneira simpática.

A voz de Vega era como o som melodioso, de timbre suave, agradável ao sentido da audição. Sorriu docemente e com um gesto delicado entregou-lhe o bilhete que trazia consigo. Um tanto perplexo, Lud pegou o bilhete, o abriu com cuidado e pôs-se a ler atentamente o que estava escrito em letras de cor amarelada que brilhavam como o ouro. Nesse momento, sentiu um ligeiro calafrio seguido de um clima de serenidade. O texto fora redigido em forma de poema e trazia embaixo o nome de Herlano. O poema dizia isto:

No início, o Verbo era soberano.
De repente, fez-se a luz
Em esferas de gás,
E da luz fez-se o calor
Que aviva os animais,
E entre os animais fez-se o ser humano,
E com o ser humano fez-se o amor
E todos os frutos que o amor produz.
De repente, fez-se a vida,
E eu conheci a vida, não a eternidade,
Pois esta, por agora, só pelo Pai Eterno é conhecida,
Mas há de chegar a hora de conhecermos a verdade.
Por enquanto, assim como a estrela cadente,
A luz da vida passa e se apaga de repente.
Eu, Herlano,
Amo as verdades que vagueiam ocultas
No obscurantismo das sombras avulsas;
O niilismo, este abismal engano,
Que porventura à minha porta bater,

Não haverá de minha fé enfraquecer,
Nem tampouco seu argumento esmorecerá
Em mim o entusiasmo pela Espiritualidade.
Quando alcançarmos a verdade,
A eternidade nos alcançará.
Tal é a abstração que alimento
Na concretude do dia a dia,
O independente pensamento
De que depende minha alegria.
A maior alegria que alguém pode sentir
É ter a certeza sólida de que é amado
Pelo simples fato de existir,
E não pelo sucesso conquistado.
Bem-vindo, Lud, à eternidade
E à verdadeira liberdade.

Herlano

— Afinal, quem é Herlano? — perguntou Lud demonstrando uma indisfarçável curiosidade.

— Herlano é a sua estrela guia — respondeu Vega.

— Em que sentido? — insistiu Lud.

— No sentido figurado, mas no sentido literal ele é o seu espírito guardião, aquele que recebeu de Deus a missão de protegê-lo das artimanhas dos inimigos encarnados e desencarnados, além de guiá-lo dedicadamente pelos caminhos muitas vezes tortuosos da vida a fim de promover a sua evolução espiritual. Herlano vive num plano existencial superior a este, razão pela qual eu fui escolhida para servir como uma ponte entre vocês ou, em outras palavras, uma mensageira.

Por algum instante, Lud ficou pensativo. Ergueu a fronte para o céu sereno, passando as mãos pelo cabelo. Em seguida, voltou a sua atenção para Vega e fitou-a com um ar inquisitivo.

— Por que Herlano é tão evoluído assim?

— Porque ao longo de sucessivas vidas ele aprendeu a perdoar nos outros os seus próprios erros. Não foi da noite para o dia que ele conquistou a indulgência. O perdão é próprio dos espíritos generosos, como disse o filósofo Platão, e Deus é generoso. Olhe à sua volta e veja a beleza da paisagem. A natureza lhe pertence e você pertence à natureza. Você e a natureza são um.

— Isso quer dizer que fora do perdão não há salvação?

— Exatamente. A indulgência, personificada em Jesus Cristo, é o caminho, a verdade e a vida. Infelizmente, muitos se deixam dominar pela forte emoção da vingança. O que eles não sabem é que a vingança surte um efeito efêmero, enquanto que o perdão ressoa no sétimo Céu, onde os espíritos purificados e iluminados pela prática da caridade estarão na presença do Altíssimo para todo o sempre. Deus é o alquimista, os anjos são os seus assistentes e o corpo somático do homem é o cadinho onde o espírito é submetido a expiações e provações até que alcance a perfeição intelectual e moral, a condição necessária para herdar a vida eterna para a qual foi criado.

Compenetrado da necessidade de entender a espiritualidade superior, visto que o compreender contribui para o desenvolvimento cultural do ser, Lud prestava atenção à mensagem de Vega como o aluno aplicado presta atenção à explicação do professor em sala de aula. A mensageira de Herlano deu continuidade à exortação para encorajá-lo a seguir no caminho do bem.

— Não exercerás a nequícia e a vingança, antes promoverás a ternura e o perdão. Nos mundos inferiores, onde há necessidade do mal para incentivar o bem, não raro a vingança redonda em derramamento de sangue, elevando os índices de homicídio e feminicídio nas estatísticas criminais. O Salmo 51 da Bíblia traz esta mensagem de tolerância que recomenda perdoar os erros alheios assim como perdoamos as nossas próprias falhas: “Livra-me dos crimes de sangue, Deus da minha salvação, e a minha língua louvará altamente a tua infinita justiça”.

No final da conversa, despediram-se com um abraço fraterno. O coração de Lud disparou nesse instante devido à transmissão da energia do amor. A presença dos espíritos superiores é luminosa e a luz emitida é proporcional ao grau de evolução moral. No caminho de volta para casa, com o rosto voltado para baixo, Lud sentia a tensão emocional diminuir, o pescoço rijo começava a relaxar. Ainda não havia se familiarizado com a nova vida. Enquanto caminhava pelo campo verdejante, experimentava uma mistura de alegria e tristeza. Alegria por estar vivo num ambiente acolhedor, e triste por estar separado, embora momentaneamente, dos parentes e do professor Lineu, que tinha em alta consideração e elevada estima.

A primavera inspira poetas e artistas plásticos. Nesta estação do ano, a natureza se espreguiça e renasce do nebuloso inverno. O clima primaveril reanima não só os homens como também os animais, além de propiciar a reprodução dos vegetais, intensificando o colorido das paisagens e dos corações humanos na eterna evolução da vida em todas as esferas da existência. Inspirado pela estética visual e pelo alumbramento poético que brotou nas camadas mais profundas da alma e aflorou à consciência naquele instante de conexão com a beleza natural que o rodeava, Lud buscou recompor a realidade e a fantasia de um tempo passado que permaneciam vivas na lembrança que guardara do mundo físico que ficou para trás. O alumbramento poético daquele momento tomou aos poucos a forma de poema em sua mente. Quando finalmente chegou em casa, depois da longa caminhada pela paisagem bucólica daquele lugar que lhe proporcionava um deleite arrebatador, passou logo o poema para o caderno antes que se esquecesse de algum verso. Ficou assim:

Na felicidade ou na infelicidade,
O lume do amor está presente
E a sua luz própria é atuante.
Na felicidade, para dividi-la com os outros;
Na infelicidade, para diminuí-la aos poucos.
O amor é um nume onipotente,
Leve como a pluma flutuante.
Dar asas ao amor e viver como quem plana
Torna o fardo pesado do dia mais suportável
Quando se anda pelo largo abismo da tristeza,
E a face clara da noite fica mais estrelada
Quando se alcança o cimo da montanha,
Tendo na base o sonho e no topo a realização.
O amor nada perde, antes tudo ganha,
Posto que quem ama sempre e de verdade
A vida simples que da natureza emana
Em forma vegetal ou em forma animal,
Tem a leveza do vento e a força da beleza,
Tanto em palavras quanto em atitudes,
Que tornam a visão do mundo mais agradável,

Com todos os defeitos e todas as virtudes
Inerentes à condição humana existencial,
Seja no fundo sombrio do abismo onde a dor
Espelha o poente que introduz a noite cerrada,
Seja na montanha vistosa que reflete o fulgor
Do nascente que reluz no azul em expansão.
Em todos os ritmos da poesia
Que a natureza declama,
Bate no compasso da alegria
O coração que ama.

CAPÍTULO VII

No dia seguinte, na parte da manhã, Lud recebeu a visita de Carmo, um orientador educacional designado pelo governador da colônia espiritual para lhe ministrar ensinamentos necessários à compreensão da evolução que ocorre nos dois mundos paralelos, o físico e o espiritual. Lud o recebeu com um aperto de mãos. Sentaram-se no sofá da sala, um ao lado do outro, para conversar.

— No mundo de onde você veio, Lud, especialmente no Brasil, que vive o maior escândalo de corrupção da História, o povo, por ele próprio, sempre deseja a justiça social, mas, por ele próprio, dificilmente a conquista, porque a elaboração das leis depende do Estado. A natureza não é igualitária na distribuição dos dons intelectuais e artísticos entre os homens. Por isso, a competição no mercado de trabalho é sempre desigual. A igualdade é um ideal que não tem respaldo na natureza. Contudo, essa realidade existencial não significa que as pessoas devem se conformar com as imperfeições do sistema econômico, antes precisam se propor a propugnar pelo aperfeiçoamento do setor produtivo de bens e serviços, processo este que passa necessariamente pelo combate à cultura da corrupção presente em alguns segmentos da sociedade política que representam as aspirações dos agentes econômicos. Portanto, em face da diversidade de habilidades mentais, a generosidade das classes dominantes, tanto no âmbito econômico quanto no político, pode promover, mediante um assomo de boa vontade, uma justa distribuição da renda com a implementação de programas sociais que atendam as camadas mais economicamente hipossuficientes do povo, que não têm como de proteger das crises econômicas geradoras de desemprego da força de trabalho.

— Concordo — disse Lud ao orientador educacional.

— A teoria das inteligências múltiplas, idealizada e desenvolvida pelo psicólogo Howard Gardner, e aceita pela comunidade espiritual, pesquisa a faculdade humana da inteligência. Segundo o pesquisador, todas as pessoas possuem um pouco de cada tipo de inteligência, sendo que determinado tipo pode ser mais desenvolvido no intelecto do que os demais, e afirma também que são raros no mundo os casos de indivíduos que são desprovidos de todos os tipos de inteligência.

Carmo tirou do bolso do paletó uma folha de papel que continha os tipos de inteligência propostos pelo psicólogo e o entregou a Lud. Recostando-se no sofá, passou a ler o texto que catalogava os oito tipos de inteligência da teoria das inteligências múltiplas, que eram estes:

1 – Inteligência linguística: capacidade de dominar a linguagem e se comunicar de forma oral ou escrita.

2 – Inteligência lógico-matemática: capacidade de raciocínio lógico e resolução de problemas matemáticos.

3 – Inteligência espacial: capacidade de criar imagens mentais a partir da observação do mundo, desenhar e identificar o lado estético dos objetos observados.

4 – Inteligência musical: capacidade de compor e transmitir os vários estilos de música utilizando os instrumentos musicais apropriados.

5 – Inteligência corporal: capacidade de expressar emoções por meio dos gestos corporais.

6 – Inteligência intrapessoal: capacidade de controlar as emoções e compreender as motivações do próprio comportamento.

7 – Inteligência interpessoal: capacidade de identificar e interpretar os discursos e as razões dos indivíduos e dos grupos sociais.

8 – Inteligência naturalista: capacidade de analisar as questões que envolvem a natureza e afetam a sobrevivência dos seres vivos.

Ao terminar a leitura, Lud devolveu a folha de papel ao visitante e permaneceu calado.

— As diferenças de habilidades intelectuais e artísticas pertencem à natureza. O que pertence à humanidade são as ações políticas tendentes a impedir que os conflitos decorrentes das desigualdades sociais tornem o planeta inabitável, na medida em que estimulam o crescimento da marginalização social e, por conseguinte, a elevação dos índices de criminalidade com o selo da insensibilidade política no tocante às áreas sociais que necessitam de maiores investimentos em infraestrutura e alocação de profissionais, como podemos constatar diariamente no noticiário jornalístico. Os presídios superlotados são a fotografia, que muitos não querem ver, da realidade social brasileira. O planeta é um grande educandário, estamos aqui para aprender, mas a cúpula do poder precisa estar em sintonia com a base da pirâmide socioeconômica, onde muitos jovens carentes abandonam o estudo para garantirem a própria sobrevivência e um mínimo de qualidade de vida para as suas famílias. Na verdade, são pressionados pelas circunstâncias desfavoráveis a trocarem o estudo pelo trabalho — acrescentou Carmo.

— A superação da crise econômica depende da solução da crise política — acrescentou Lud ao comentário de Carmo.

— Aqui é diferente. A nossa carta magna é o amor. Sem interesses espúrios e expectativa de recompensa, mas com discernimento e humildade, o devotamento à caridade edifica em definitivo o templo do bem no espírito esclarecido que auxilia os espíritos ignorantes, contando ele próprio com a assistência de espíritos mais evoluídos. Se na prestação generosa do serviço ao próximo necessitado o obreiro estiver esgotado, o melhor reconstituente é a prece sincera, que atrairá o concurso de amigos benfeitores que amparam os obreiros nos momentos de fraqueza, a fim de que possam continuar palmilhando a estrada da solidariedade com vistas à elevação espiritual — concluiu o orientador educacional.

A conversa transcorreu por horas a fio e ambos expressaram abertamente os seus pensamentos a respeito de vários temas, tais como sonho, reencarnação, materialização e fraternidade. Quanto a este último tema, Carmo teceu o seguinte comentário:

— O universo está em expansão, e é nessa expansão universal que ocorre a evolução dos mundos e dos seus habitantes. A humanidade ainda tenta romper os laços que a vinculam ao mundo material. Essa transição do reino da matéria para o reino do espírito é inevitável, pois faz parte dos desígnios do Criador. Com o passar do tempo, a opressão sufocante vai ocupando menos espaço no espírito, à medida que a fraternidade vai ocupando mais espaço, tornando as pessoas menos egoístas e mais altruístas, e o mundo mais solidário e avesso às paixões inferiores das mentes desventuradas que se perdem na poeira que elas mesmas levantaram no caminho evolutivo. As pessoas fortalecem-se umas às outras num ambiente onde predomina a fraternidade adquirida ao preço de muita abnegação e renúncia, substituindo, com a força da vontade, as ideias mesquinhas por ideais edificantes que concorram para o bem-estar geral, sem privilégios e monopólios, a não ser o privilégio de ter o monopólio da própria vontade, que nada mais é senão o livre-arbítrio. Na alquimia espiritual, o propósito é transformar o ser humano num ser superior, que se conduza à semelhança de Deus, ou seja, com indulgência e generosidade.

CAPÍTULO VIII

— E quanto às religiões, o que você tem a me dizer? — perguntou Lud demonstrando interesse.

— A finalidade de todas as religiões, ciências e filosofias é a evolução espiritual do planeta, que ainda engatinha com dificuldade no caminho da regeneração moral. A nova religião mundial será baseada na existência íntima de Deus, na relação harmônica do homem com o homem, na realidade provável da imortalidade da alma e na necessidade da busca pessoal da iluminação pelo autoconhecimento. Felizes os ricos de espírito, porque os pobres de espírito não respeitam a diversidade, nem praticam a solidariedade. Felizes os que lamentam a desgraça alheia em vez de lucrar com ela, porque serão recompensados pela justiça divina. Felizes os líderes mansos, porque o discurso de ódio não se irmana com a paz social. Felizes os que conhecem a fome e a miséria, porque terão empatia pelas famílias vulneráveis à marginalização. Felizes os misericordiosos de coração, porque de indulgência necessitam todos os corações. Felizes os inimigos da opressão e da censura, porque serão amigos dos anjos guardiães dos direitos individuais e sociais. Felizes os que cultivam o bom senso no campo da razão, porque colherão os bons frutos da sabedoria. Felizes os que combatem as injustiças sociais, porque terão o mérito da vitória sobre o individualismo e a ganância. Felizes os que amargaram as desvantagens do desamor, porque aprenderam a valorizar as vantagens do amor. Felizes os que sofrem reveses na vida, porque as adversidades despertam virtudes adormecidas na alma. Felizes os corações sensíveis, porque os corações insensíveis não sabem amar sem tirar proveito da relação. Felizes os libertários, porque não lutam por si mesmos, mas por um ideal humanitário. Os felizes são a luz do mundo e dão luz aos que estão na escuridão. Esse altruísmo desinteressado faz parte da felicidade deles. Não é a doutrinação da fé, mas a fé em ação que define o humanismo moderno como uma filosofia espiritualista que rejeita os dogmas religiosos e repousa sobre as ciências humanas. O humanismo moderno é um pensamento filosófico focado na justiça, na razão e na ética, com o objetivo de dar sentido à vida. Difere do fundamentalismo religioso na medida em que não impõe verdades inquestionáveis. Em lugar disso, propõe ideias de modo interrogativo, a fim de despertar na consciência humana o interesse pela reflexão. O fanatismo religioso vem causando inúmeras mortes desde que o homem criou Deus à sua imagem. As características principais que identificam o fanático religioso incluem o autoritarismo, a passionalidade, o exclusivismo e a hostilidade. Felizes, enfim, os que pensam com a mente aberta, porque estes não serão manipulados pelos falsos profetas, mais interessados que estão em salvar as suas contas bancárias do que as almas mergulhadas no mar negro da dor — esclareceu Carmo.

— Um pseudoevangelizador chegou a cobrar, em vez do dízimo, o trízimo, que corresponde a 30% da renda mensal dos membros da igreja, sendo 10% para o Pai, 10% para o Filho e 10% para o Espírito Santo.

— Os falsos profetas são psicopatas e, devido a um déficit emocional congênito, não sentem piedade das pessoas necessitadas. Muitas vezes, recorrem inescrupulosamente à distorção dos textos bíblicos para arrecadarem mais dinheiro dos fiéis. A chamada teologia da prosperidade torna os falsos profetas mais ricos e os religiosos incautos mais pobres. Se enriquecessem a própria alma com a generosidade ensinada por Jesus Cristo e pelos Santos Apóstolos, a renovação íntima os libertaria do apego ao dinheiro e, uma vez libertos da ganância desmedida, poderiam pregar nas

reuniões os iluminados caminhos da fraternidade. Na verdade, são almas que vagam pelo mundo afora derrotadas pelo pecado da cobiça sem, pelo fato de serem psicopatas, reconhecerem a própria e máxima culpa. Não sabem, esses aproveitadores da fé religiosa, que o mais importante na vida é valorizar o pão nosso de cada dia, conquistado com o trabalho honesto, disciplinado e dedicado, e aprimorar a qualidade moral da humanidade. O líder espiritual de qualquer religião ou seita deve tratar com amor desinteressado os seus seguidores, utilizando o dom da oratória para criar na congregação um clima envolvente de estima e respeito. O amor eivado de interesses escusos cessa juntamente com a causa que o fez nascer, enquanto que o amor desinteressado, que é o verdadeiro amor, dura por toda a eternidade. Servir a Deus é servir à humanidade.

Uma borboleta azul entrou pela janela e pousou na mesa da sala. Essa visita inesperada interrompeu a conversa por algum tempo. A borboleta é considerada o símbolo da felicidade, justamente o sentimento que imperava naquele momento. Lud levantou-se do sofá e começou a persegui-la pela sala, tentando expulsar o inseto intruso que, depois de esvoaçar muito em torno dele, acabou saindo pela janela por onde entrara. Carmo segurou o riso e disse:

— A borboleta azul pousou na mesa da sala para colorir o ambiente, e não para lhe tirar o bom humor!

— Segundo a superstição japonesa, a borboleta é um inseto que representa a renovação da vida. Como eu ressuscitei dos mortos a minha vida já está renovada! — disse Lud em tom de brincadeira.

— Está quase na hora da reunião — disse Carmo levantando-se do sofá.

— Reunião?

— Sim. Daqui a pouco eu e outros orientadores educacionais teremos uma reunião com o governador para tratarmos de assuntos pendentes.

— Volte sempre que quiser.

— Por hoje já conversamos o bastante. Reflita sobre tudo que foi abordado. Numa outra ocasião conversaremos sobre outros temas que lhe ajudarão a compreender melhor a espiritualidade. Fique na paz de Deus.

Lud acompanhou Carmo até a porta.

CAPÍTULO IX

Alguns dias depois, Lud teve uma grata surpresa ao despertar. Quando a porta do quarto se abriu e ele entrou, reconheceu de imediato o visitante. Era o amigo e professor Lineu.

— Desculpe-me por entrar em sua casa sem lhe pedir licença.

— A nossa amizade dispensa essa formalidade.

Lud o levou até a sala para conversarem, exibindo um sorriso de felicidade. Lineu estava parado, em pé, diante do amigo. Tão logo sentaram-se no sofá, o professor relatou que falecera fazia uma semana em consequência da evolução de uma nefropatia. Não houve nada que os médicos pudessem fazer para evitar o óbito. Cerrou os olhos, como se estivesse fazendo uma prece. Quando ergueu a cabeça novamente, com os olhos lacrimejantes, lançou o olhar triste em Lud.

— Estou me sentindo triste e alegre ao mesmo tempo. Triste porque perdi o convívio com o meu filho, e alegre pela oportunidade de voltar a conviver com você.

— O tempo tudo cura. Essa tristeza vai passar, como a minha também passou.

Lud serviu-lhe uma xícara de chá de camomila. Lineu bebeu um gole e colocou a xícara sobre a mesa. Pouco depois, Lineu recuperou a alegria que ficara anestesiada na alma.

— Essa é a segunda visita que lhe faço. A primeira foi na forma de uma borboleta azul. Não queria interromper a conversa. Carmo sabia que era eu, mas preferiu não lhe revelar. Você se lembra?

— Claro. Se eu soubesse que era você não teria afugentado a borboleta. Pelo visto, você continua com a mesma superstição.

— Trata-se de um efeito psicológico. A cor azul realmente me tranquiliza.

— Quais são as novidades da política brasileira? — indagou Lud com um certo receio do que ouviria do ilustre professor.

— Várias. Uma delas é que o ex-governador está cumprindo pena de reclusão por improbidade administrativa e lavagem de dinheiro. Não me convém citar o nome do bandido.

— A mim também não. O eloquente ex-governador traiu a confiança do eleitorado fluminense, como fez o apóstolo Judas Iscariotes com o nosso Senhor. Todo mundo sabe que na política os mais fortes enriquecem ilicitamente às custas dos mais fracos. Ele fez muita sujeira.

— Sim, muita sujeira. Quando ainda vivia no plano terreno, lembro-me de que a imprensa noticiava que o pulha contribuiu para levar as finanças públicas ao fundo do poço. O estado amargava uma grave crise financeira. Não havia recursos financeiros disponíveis para pagar os vencimentos ao funcionalismo público integralmente e no dia estabelecido no calendário oficial.

— A sociedade também é vítima do descaso com os serviços públicos — disse Lud ajeitando-se no sofá.

— Até o momento, a situação de calamidade financeira continua inalterada. O poder político existe basicamente para oferecer aos cidadãos serviços públicos eficientes, promover o desenvolvimento socioeconômico e garantir a soberania nacional. O meliante foi preso por causa do apego exagerado às mordomias que o dinheiro pode comprar, associado a um deplorável mau caráter — comentou o professor, um tanto irritado.

— A cobiça do ganho fácil é um vício moral. Os políticos desprovidos de firmeza de caráter não hesitam em desviar o dinheiro público nas ocasiões favoráveis. Quem vive para a política

transforma para melhor a sociedade, ao passo que quem vive da política faz dela uma fonte de renda pessoal, como salientou o economista alemão Max Weber. A ocasião faz o ladrão — acrescentou Lud ao comentário do professor.

— O indivíduo que tem a atenção fixa em si mesmo dificilmente compreende as razões dos outros, as suas necessidades e adversidades, uma vez que os seus olhos só veem no mundo as coisas que lhe seduzem o egoísmo. Uma pessoa nessa condição moral ficará sempre na retaguarda do progresso espiritual, paralisada pelo medo de sair da sua fortaleza, onde se sente segura. O fim do egoísta é a solidão, abandonado e esquecido, vivendo no passado por falta de companhia — completou Lineu.

Lud se calou por algum instante, enquanto pensava no poema que escrevera durante a noite. Pediu licença ao professor e foi para o quarto. Pouco tempo depois, retornou com o caderno de anotações. Sentou-se no sofá, abriu o caderno e disse a Lineu que gostaria da sua opinião sobre o poema que redigira inspirado pela ideia que fazia de Deus. O professor pediu que o lesse, pois gostava de poesia, principalmente de categoria espiritualista. Além da História, o espiritualismo sempre esteve presente na vida terrena do professor, e o mesmo interesse que dispensava ao estudo do espiritualismo permanecia presente na vida espiritual. Lud sabia disso e, por conhecer as suas preferências literárias, declamou o poema que dizia assim:

Deus existe desde sempre
Onde o cientista não vê.
Deus tem ciência infinita
Que o cientista não entende.
Parece não existir outro ser
Para dar algum sentido à vida.
Ando pelas ruas da cidade
Quando o tédio me invade;
Enquanto a dama do dia descansa,
Canto para a dama da noite que dança.
Procuro Deus por toda parte,
Em toda ciência, em toda arte,
E assim eu vago na caverna a esmo
Fugindo da sombra de mim mesmo.
Não sei, nem tenho como saber,
Mas sinto no peito que Deus está
Onde os olhos não podem ver,
Onde as mãos não podem tocar,
Em todo azul celeste que contemplo,
Em toda brisa terrestre que venta.
Deus é o sacerdote,
Eu sou o templo;
Por isso me olho por dentro
Para sentir a sua presença.

— Muito bom, rapaz, gostei da expressividade! — exclamou o professor com entusiasmo.

— Obrigado! — agradeceu Lud com um sorriso estampado no rosto.

— Parece que os poetas têm um halo de criatividade ao redor da cabeça.

— Se for assim, o meu é tão forte que chega a me tirar o sono. Acordei de madrugada para escrever o poema. Depois que terminei, o sono voltou.

— A criação artística é uma necessidade vital. Eu tive um amigo que era músico. Depois do falecimento da esposa, abandonou a música e entregou-se ao isolamento. Trancou-se em si mesmo e passou a viver no passado. Certa noite, durante o sono, viu a imagem do violino que há muito tempo deixara guardado no armário da sala. Era um violino clássico profissional, fabricado artesanalmente e com acabamento envelhecido acetinado. Até então, trocara a música pelo ostracismo. Convivia diariamente com a face pálida da solidão. Apesar do sentimento de luto que o soterrara no pélagos da alma, não suportava mais privar-se do prazer de tocar violino. Em suas veias vibravam notas musicais, a música era a sua necessidade vital. Quando finalmente se conscientizou da triste realidade em que se encontrava, o apego ao isolamento desmoronou como um castelo de areia. Estava cansado de caminhar pelos cômodos da casa cabisbaixo e pensativo. Tomou a decisão de ir até a sala, abrir a porta do armário e pegar o violino. Nesse momento, sorriu para ele como se tivesse reencontrado um velho amigo. Lud, meu amigo, o artista pode viver solitário dentro de uma concha, mas o talento precisa do artista para se expressar ao mundo. Em última análise, a capacidade criativa é a chave da porta que dá acesso à evolução da humanidade.

— O talento artístico é um dom divino — acrescentou Lud.

— Se eu não fosse historiador, seria literato. A literatura, Lud, é o meio mais agradável de ver a vida como ela é e como ela poderia ser, abrindo a visão do homem inculto e ampliando a visão do homem culto. O realismo fantástico, que é a minha preferência literária, conjuga as duas visões da vida, a visão realista, fundamentada na razão, e a visão idealista, fundamentada na emoção, conferindo ao leitor, ao mesmo tempo, a experiência cognitiva e a experiência emotiva.

CAPÍTULO X

Leocássio alimentava a crença de que tudo no universo tem uma finalidade. Nada acontece por acaso. Não acreditava na fatalidade. A teoria que sustentava é simples. Se o espaço é infinito, por que Deus não haveria de ser eterno? Tanto a infinitude quanto a eternidade são humanamente inconcebíveis no estágio atual do progresso científico, porque não foi dado ao ser humano o poder da onisciência. Atualmente, a teoria da geração espontânea está desacreditada pela comunidade científica mundial. Portanto, se Deus é eterno, a existência tem o propósito de transformar a vida em morte, a morte em ressurreição, e a ressurreição em eternidade. Essa era a lógica de Leocássio. Depois do falecimento do pai, a mãe foi morar com a irmã mais velha que, já senil e acamada, necessitava de assistência permanente. Já era noite e o relógio de parede marcava onze horas. Quando o sono chegou, recolheu-se no quarto e adormeceu logo em seguida. Na manhã seguinte, despertou refeito do trabalho do dia anterior. Não tinha vocação para o magistério. Graduara-se em Administração e era empregado de um banco oficial, onde exercia a função de gerente. Era o primeiro dos trinta dias de férias. Fez o lanche habitual, vestiu-se e saiu para passear na praça que ladeava a casa onde morava. À noite, recostado no sofá da sala, pegou um livro na estante da sala para passar o tempo. Não poupava a mente com o hábito de ler. Terminada a leitura do epílogo, ficou pensativo. A próxima distração foi pintar em tela uma paisagem que guardara na memória da viagem que fizera a uma cidade litorânea em companhia da namorada. O quadro levou algum tempo até ficar pronto devido ao perfeccionismo que lhe era característico. No final do mês, a obra de arte ficou pronta. Foi num domingo chuvoso que Leocássio deu a última pincelada na tela. Gostou do resultado final, mas estava convencido de que precisaria aprimorar a habilidade para a pintura, uma arte plástica que o seduzia desde a infância.

A estação da primavera estava no auge. A friagem do inverno passara, levando consigo os constantes céus nublados. Numa quinta-feira de céu aberto, Leocássio vestiu-se e foi passear na praça. Tinha o costume de caminhar sozinho, contemplando a imponência das árvores que decoravam a praça. Um local agradável para quem se sensibiliza com as obras de arte da natureza, um ambiente paradisíaco para os artistas plásticos. Permaneceu ali, quieto, sorvendo a beleza natural. Na manhã seguinte, o dia amanhecera coberto pelo manto azul. Despertara com o espírito iluminado. A alegria vicejava em seus olhos castanhos. Da janela da sala, fitava a praça como quem admira uma pintura bucólica. Viu-se, por um instante, sentado num dos muitos bancos da praça à sombra de um eucalipto. Pensou em sair, mas a preguiça o convenceu a recostar-se no sofá. Sobre a mesa da sala estava a estatueta de Buda que o falecido pai mandara esculpir, e no seu coração pulsava uma vontade imensa de estar com ele naquele momento. Levantou-se, foi até a cozinha, preparou um café e, depois de beber uma xícara, retornou ao sofá. Fechou os olhos e permaneceu introspectivo. O pai chegara a publicar um livro de História que Leocássio costumava ler vez ou outra, numa tentativa de matar a saudade. Levantou-se, foi até a estante, pegou o livro e o beijou, como se estivesse beijando o pai. Em seguida, curvou-se sobre o livro e passou horas a fio ocupado com a leitura. O melhor amigo que Leocássio teve na vida foi o pai. Lineu sempre lhe deu atenção e carinho, além de bons conselhos. Contudo, quis o destino que uma nefropatia grave lhe tirasse a vida. Em compensação, Deus o presenteou com o dom da pintura, como fonte de

alumbramento, e a crença na imortalidade da alma, que o ajudou a conformar-se com a dolorosa perda do pai.

O tempo passou e já era novembro. No dia de finados, Leocássio vestiu-se de preto e foi visitar o túmulo do pai. Uma gama de momentos felizes que vivera com ele durante a vida aflorou à consciência. A saudade relampejava na noite de céu fechado que trazia no peito. Por alguns minutos, imaginou o rosto paterno. A alma estava quebrantada e o coração espedaçado. Juntou os pedaços do coração, dirigiu o olhar para o túmulo, estendeu o braço direito e colocou o ramo de flores que comprara a caminho do cemitério sobre o mármore negro. Em seguida, fez uma prece. Naquele lugar, a tristeza dos visitantes contrastava com o céu risonho. Era uma manhã de céu azul bordado com alvas nuvens. O vento soprava suavemente no local, acariciando os cabelos castanhos de Leocássio. De repente, dissolveu-se na inconsciência, como se estivesse ausente. O corpo estava ali, mas o espírito estava em outra dimensão. Permaneceu imóvel e com o semblante inexpressivo por alguns segundos. Depois que recobrou a consciência, terminou a oração em intenção da alma do pai e ficou parado em frente ao túmulo, enxugando com um lenço branco as lágrimas que a sua alma contristada derramara no rosto. Deu um passo para trás, despediu-se do pai fazendo o sinal da cruz e voltou para casa com a alma ainda quebrantada. Do outro lado da vida, o pai o assistia feliz. A paisagem no entorno do cemitério exibia uma vegetação colorida e o clima era ameno.

No ano seguinte, Leocássio contraiu matrimônio com a namorada Tânia, que era 10 anos mais nova que ele. Passaram a lua de mel numa cidade litorânea. Existem cidades no litoral brasileiro incrivelmente cativantes pela beleza natural para as pessoas que pretendem passar a lua de mel ou apenas descansar da agitação dos grandes centros urbanos, onde podem banhar-se em águas cristalinas e bronzear-se sob o Sol radiante. Escolheram uma praia quase deserta, repleta de coqueiros e com uma extensa faixa de areia, ideal para caminhada e jogo de frescobol. Hospedaram-se numa pousada que distava um quarteirão da praia. O preço da diária era condizente com o conforto das acomodações charmosas e acolhedoras, capazes de tornar inesquecível a estadia dos hóspedes. Quando ainda eram namorados, costumavam visitar o lugar nos finais de semana de céu aberto, que mais parecia a projeção mental da imaginação criativa de um exímio artista plástico no processo criativo de uma paisagem de aparência paradisíaca do que propriamente um lugar real. Desse casamento nasceram duas filhas, Aline e Alice. Na intimidade do lar, viveu os seus melhores dias. Aprendeu com a esposa a ser marido e com as filhas a ser pai. As lutas acerbadas do cotidiano nunca perturbaram a harmonia familiar. Leocássio legou do pai a habilidade de lidar com as adversidades inevitáveis da vida sem perder o controle emocional. No final da vida, quando contava com 78 anos de idade, Leocássio foi acometido de um câncer no fígado. Apesar da quimioterapia, o tumor maligno, que era muito agressivo, evoluiu ao longo de cinco meses, acabando por lhe tirar a vida. Faleceu no leito do hospital nos braços da esposa, acompanhado das filhas e do médico.

CAPÍTULO XI

Samira era a filha primogênita de um casal de comerciantes que vivia na cidade de Recife, onde fizera muitos amigos devido à sua facilidade de relacionar-se com as pessoas, um legado de sociabilidade que herdara dos pais. Os laços de amizade são mais duradouros quando as virtudes familiares são praticadas em sociedade. Uma boa educação recebida dos pais abre muitas portas na vida relacional e livra a pessoa das perturbações decorrentes da estupidez no trato social. Com certeza, é uma moeda de ouro. A maneira mais eficiente de tornar os homens menos propensos aos conflitos interpessoais consiste em ensinar, mais com atitudes do que com palavras, o amor ao próximo e aperfeiçoar a educação que, uma vez assimilada no processo de formação da personalidade, sempre produz bons frutos e nunca se esgota com os inconvenientes que acompanham aqueles que receberam dos pais uma má educação, centrada no egoísmo e desfocada da empatia.

“A boa educação é uma moeda de ouro. Em toda parte tem valor.”

Padre Antônio Vieira

No verão de 1936, com vinte e um anos de idade completos, Samira foi mandada de férias para a casa dos avós paternos na cidade do Rio de Janeiro, um dos principais centros econômicos, culturais e financeiros do Brasil, sendo internacionalmente conhecida por diversos ícones paisagísticos, tais como o famoso Pão de Açúcar e o morro do Corcovado, que ostenta a monumental estátua do Cristo Redentor, obra inaugurada em 1931. De volta para casa, foi vítima de um latrocínio. A moça não reagiu ao assalto. Os psicopatas não sentem piedade nem culpa. Para essas criaturas sombrias, a vida humana é uma banalidade. O velório e o sepultamento aconteceram em sua cidade natal. Depois desse trágico episódio, a mãe apresentou um quadro de depressão que a acompanhou até o túmulo em 1940, apesar do tratamento psiquiátrico ao qual se submetera durante os quatro sofridos anos que viveu após a perda inesperada da filha, deixando o marido, o filho do meio e a filha caçula. A autoria do crime não foi apurada no decorrer das investigações, apesar do empenho dos investigadores. A cidade apresenta índices elevados de criminalidade, em especial, o homicídio. Os baixos salários e os equipamentos insuficientes fazem com que a polícia judiciária não consiga resolver a maioria dos assassinatos ocorridos no território citadino. Nas pessoas de bem, a ideia do homicídio causa mais assombro do que a ideia da morte.

“A piedade é uma das mais preciosas faculdades da alma humana.”

Leon Tolstói

Assim como ocorrera com Lud Helison após o passamento, Samira foi acolhida na colônia espiritual Alcor, governada por Dionísio, destinada à regeneração. Os erros cometidos nas relações sociais podem ser corrigidos, em parte, pela indulgência, fruto da compaixão das pessoas agredidas por tais falhas de conduta e, em parte, pela renovação íntima, resultado do esforço do agressor para aprimorar os juízos de apreciação da sua conduta em sociedade. A paz de espírito pertence àqueles que amam ao próximo como amam a si mesmos, e perdoam as ofensas dos outros como perdoam

as suas próprias ofensas. O combustível que abastece o ódio é o próprio ódio, da mesma forma que o combustível que abastece o amor é o próprio amor. Guardar no coração o sentimento de fraternidade é indispensável para a paz social da qual necessitamos todos para levarmos uma vida normal. A estadia em Alcor foi curta, mas proveitosa. O pouco é necessário para se alcançar o muito. Não passava o tempo vagando a esmo, sem alimentar a ambição pela evolução espiritual. Durante o dia, estudava. À noite, descansava. A perseverança sempre conduz ao melhor. No ano seguinte ao término da Segunda Guerra Mundial, devidamente instruída pelo orientador educacional Carmo, Samira foi convidada pelo governador Dionísio a reencarnar numa cidade interiorana do Paraná, onde, já na idade adulta, conheceu Ravi na festa de aniversário de uma amiga, com quem se casou e teve uma filha de nome Franceline, resultante da combinação do nome do pai do marido, o arquiteto Francisco, que projetara a praça principal da cidade, e do nome da mãe da esposa, a médica Marceline, que era muito respeitada na cidade pelo exercício da profissão. Aos 23 anos de idade, Franceline graduou-se em Farmácia e trabalhou a vida toda com análises clínicas no laboratório que montara com a ajuda da sogra. Amava o marido, mas não queria depender financeiramente dele. Participava das despesas domésticas. Prezava a liberdade de escolher no mundo o espaço ideal para crescer como pessoa e profissional. O empoderamento da mulher passa necessariamente pela conscientização da secular falsa consciência em relação à sua condição de submissão ao homem, e pela defesa em juízo dos direitos e liberdades que lhe garantem o ordenamento jurídico. A imposição de convicções tradicionalmente aceitas pelo grupo social deve ser compensada por meio da reflexão pessoal sobre o que é melhor para a mulher frente aos desafios do mundo moderno.

“Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.”

Simone de Beauvoir

CAPÍTULO XII

Era lá que o seu pensamento estava. Na infância. Sentado no sofá da sala, fitava o retrato sobre a mesa. Uma onda de saudade lhe invadiu a alma. Depois de alguns minutos, levantou-se e caminhou até a porta. Girou a chave duas vezes. Saiu para passear na praça que ladeava o prédio onde residia. Enquanto andava em passos lentos, tentava apagar da mente o pensamento saudosista. Estava prestes a desistir quando ouviu uma voz feminina chamá-lo pelo nome.

— Domênico, sou eu!

Sem pestanejar, parou e desviou o olhar para a direita.

— Você por aqui?

A mulher levou algum tempo para dizer o que pretendia naquele encontro.

— Quero que você me acompanhe até à minha casa.

— Esqueceu o endereço? — brincou Domênico.

— Não, mas quero ir com você.

— Tudo bem. Vamos até lá!

Assim que entraram na casa, Domênico coçou a cabeça e perguntou à Cassandra:

— Que é isso?

A voz dela parecia presa na garganta quando respondeu:

— Quando cheguei da padaria o encontrei estendido sobre o chão da cozinha. Agachei-me e tentei acordá-lo, pensando que estava apenas dormindo. Murilo morreu.

Os olhos castanhos de Domênico voltaram-se rapidamente para a porta da cozinha, por onde passou até chegar à mesa da sala, onde ficava o aparelho telefônico. Fez uma ligação para o Corpo de Bombeiros Militar informando que ocorrera uma morte suspeita. Forneceu o endereço e retornou para a cozinha, onde Cassandra enxugava as lágrimas com uma toalha de rosto que pegara no varal da copa. Depois de poucos minutos, alguém tocou a campainha. Cassandra correu até a sala e abriu a porta. O rabecão havia chegado. Mal conseguindo controlar o nervosismo, Cassandra pediu para que os dois bombeiros militares entrassem. Imediatamente colocaram o cadáver sobre a maca e o transportaram até o rabecão. Foi tudo muito rápido. Domênico acompanhou a amiga até a delegacia policial da circunscrição, que ficava a dois quarteirões de onde morava, para registrar a ocorrência. O casamento ocorrera há apenas cinco meses. Murilo e Cassandra alugaram aquela casa por um ano, até que conseguissem obter um financiamento bancário para a aquisição de um apartamento de dois quartos no centro da capital catarinense Florianópolis, onde viviam desde o nascimento.

Cassandra não chegou a entrar em estado de choque, mas estava emocionalmente abalada. O estado de choque emocional é um transtorno transitório que decorre de eventos traumáticos que ocasionam um grau extremo de estresse psíquico devido à perda inesperada de um ente querido. Essa crise geralmente desaparece com o passar do tempo. Caso o transtorno emocional se prolongue no tempo, é recomendável que a pessoa afetada pelo sentimento de luto procure a orientação de um especialista em saúde mental. O evento traumático pode ser revivido de algumas maneiras. Por exemplo, no estado de sono por meio de sonhos repetitivos com o evento traumático; no estado de vigília, pelo sentimento de angústia experimentado em situações que lembrem o evento traumático.

A declaração de óbito emitida pelo perito legista relatou que o óbito ocorrera por envenenamento, tendo sido procedida na sala de autópsia a coleta de uma amostra de sangue para efeito de exame toxicológico. As causas do suicídio costumam envolver, dentre outros motivos, as situações de depressão, transtorno bipolar e uso excessivo de entorpecentes, conforme fora informado à Cassandra pelo perito legista que atendeu à solicitação de perícia médico legal feita pela autoridade policial.

Algumas pessoas acreditam que chega um momento que se torna inevitável o ultimato de colocar um ponto final na vida, seja por desavenças familiares, fracasso profissional, desilusão amorosa e até mesmo crise existencial, envolvendo ou não algum tipo de distúrbio mental. Um detalhe interessante é que não existe uma faixa etária que apresente uma maior incidência de suicídio. Afinal, será o suicídio a maneira mais eficaz para alguém se libertar dos problemas inerentes à vida terrena? Talvez o milagre da existência seja uma experiência forte demais para algumas pessoas.

Em busca de melhores condições de vida, algumas pessoas que se encontram na linha da extrema pobreza, desassistidas nas regiões menos favorecidas pelo modelo de produção capitalista, deslocam-se para regiões mais industrializadas. A migração do campo para a cidade é chamada de êxodo rural, uma realidade vivida por muitas famílias motivada pela mecanização das atividades agropecuárias. Uma parte significativa dos migrantes brasileiros dirige-se para a região sudeste do país. A história da população economicamente hipossuficiente brasileira é uma história de migração. A mobilidade espacial da população carente contribui para a elevação dos índices de desemprego, subemprego e criminalidade nos bolsões de miséria dos grandes centros urbanos. Outras pessoas, para fugir de um sofrimento moral severo decorrente das vicissitudes da vida, deslocam-se para outras regiões do país. Nesse caso, não há um destino certo. A motivação da mobilidade espacial dessas pessoas é a fuga, numa tentativa de escapar de fatalidades ou situações que lhes proporcionaram um transtorno emocional insuportável. Muitas vezes, o desconforto emocional responde pelo surgimento dos andarilhos. A perda súbita do marido fez de Cassandra uma andarilha. Na manhã de um dia de verão, fez uma visita a Domênico. Depois de alguns minutos de conversa, despediu-se dele com um forte abraço, dizendo-lhe que faria uma viagem para o México, onde tinha parentes dos falecidos pais. Antes de sair, entregou ao amigo o par de alianças de casamento, pedindo em tom de súplica que o guardasse com carinho. O que ele não sabia era que manteria as alianças guardadas pelo resto da vida. A amiga de infância nunca mais retornou da viagem. Dois anos e meio depois do seu desaparecimento, no mês de julho, foi encontrada morta à beira de uma rodovia no estado de Goiás. Talvez tenha sido acometida de hipotermia. O inverno foi rigoroso naquele ano. Como não tinha familiares no Brasil, Cassandra foi sepultada como indigente. Domênico não teve notícia do falecimento. Para ele, a amiga decidira se erradicar em Guadalajara, para onde havia alegado que viajaria a passeio. No entanto, ela fora passear no planalto da eternidade. Apesar do desencontro na planície terrena, quem sabe Murilo e Cassandra se reencontraram lá? Quem sabe o amor seja eterno? Quem sabe?

— Onde estou? — perguntou Cassandra.

— Você está num hospital — respondeu o médico à beira do leito.

— Não me lembro de nada.

— Com o passar do tempo você vai se lembrar.

Cassandra usava uma túnica branca. O médico colocou a mão na frente dela.

— Que a paz esteja com você — disse o médico.

— Estou me sentindo aliviada — comentou Cassandra tentando disfarçar o medo.

— Dei uma medicação para você. Aos poucos vai se sentir mais disposta.

Na manhã seguinte, Cassandra levou um susto ao despertar do sono. Murilo estava ao seu lado com um olhar afetuoso.

— Minha querida, quando estiver recuperada, poderá frequentar o serviço de assistência espiritual aos desencarnados.

— Desencarnados? — indagou assustada.

— Sim. Você desencarnou devido a uma hipotermia. Eu passei algum tempo no Umbral até que um samaritano me resgatou das trevas e me trouxe para cá. O meu erro foi perdoado.

Finalmente Cassandra deu-se conta de que tinha falecido. A presença de Murilo era a prova disso.

— Você está com a aparência remoçada — observou ela com o olhar fixo em Murilo.

— Você também. Olhe-se no espelho pendurado na parede do seu lado esquerdo.

Enquanto se olhava no espelho, passava as mãos pela tez. De fato, remoçara.

— Agora acredito na reencarnação — disse ela com o semblante sorridente.

Nesse instante, o médico entrou no quarto. O rosto dele estava iluminado e a luz transmitia uma sensação agradável ao casal.

— Deus existe e nós existimos nele — afirmou o médico.

Uma semana depois, Cassandra recebeu alta do médico e foi morar com Murilo numa casa que ficava na imediação da casa de Lud Helison, com quem ataram um forte laço de amizade. Viveram felizes por longos dias.

EPÍLOGO

O epílogo é a parte final que revela o desfecho dos acontecimentos relatados nos capítulos do romance. Devido à sua função de resumir as ideias expostas ao leitor, a mensagem que encerra o texto consiste na síntese dos assuntos abordados. A mensagem principal desta criação literária alicerçada na crença inabalável em Deus é que a vida não tem fim ou, em outras palavras, é um eterno vir a ser. Ora no plano material, ora no plano espiritual. A conclusão resultante da análise meticulosa dos fatos provados pela ciência e dos fatos ainda não provados, em razão do estado atual do progresso científico, é a ideia de que na natureza nada se perde, tudo se transforma, e o que aprendemos a chamar de realidade é o que os limitados sentidos humanos podem perceber, e não o que de fato existe no universo insondável, fenômenos que, embora não passem pelo crivo da metodologia científica, visto que a pesquisa científica é a atividade que se propõe a demonstrar a verdade dos fatos observados pelo raciocínio lógico, podem ser apreendidos pela intuição, que é a luz psíquica capaz de atravessar a espessa neblina que separa os mundos paralelos, o físico e o espiritual, a fim de ensejar a visão, ainda que embaçada, da verdade que não pode ser provada pela experiência científica. O físico alemão Albert Einstein disse que “ não existe nenhum caminho lógico para a descoberta das leis universais, o único caminho é o da intuição”.

Lud e Lineu tinham muita afinidade espiritual. Desta acentuada semelhança de pensamentos e sentimentos brotou uma amizade que passou para o outro lado da vida, onde conviveram durante vários anos, preparando-se para a próxima reencarnação, que se deu na França, onde nasceram irmãos, Lineu como o filho mais velho e Lud como o filho caçula de um casal de católicos residentes em Paris. Antes da reencarnação, Lud deixou com Carmo de recordação uma coletânea de poemas, que escrevera ao longo da sua estada na colônia espiritual, com o título de Alguma Poesia. O mentor espiritual Herlano continuou sendo a estrela guia de Lud na nova jornada evolutiva. Depois da passagem para a dimensão espiritual, Leocássio reencarnou imediatamente num planeta mais evoluído que a Terra, em outra galáxia, com menos inveja e mais generosidade nas relações sociais.

O corpo tem fome e sede — precisa de dinheiro para viver. O espírito tem fome de amor e sede de justiça — precisa de Deus para existir.

Alguma Poesia

de Lud Helison

Poema I: FILOSOFIA DE VIDA
Poema II: AMOR AO PRÓXIMO
Poema III: ESPELHO FIEL
Poema IV: ASAS
Poema V: MORAL DA HISTÓRIA
Poema VI: MULHER AMADA
Poema VII: ANJO E DEMÔNIO
Poema VIII: POR QUÊ?
Poema IX: ESTUDANTE PARA SEMPRE
Poema X: PERSONAGEM
Poema XI: PARA QUEM AMA
Poema XII: RIDENTE ESTAÇÃO
Poema XIII: SEM O SEU AMOR
Poema XIV: COLECIONADOR DE VENTOS
Poema XV: CANÇÃO DE AMOR
Poema XVI: A BOA ESTRELA
Poema XVII: MAR DE ROSAS
Poema XVIII: O FIM DE QUEM AMA
Poema XIX: O CENÁRIO DA SOLIDÃO
Poema XX: EU CRIANÇA
Poema XXI: UM DIA DE CADA VEZ
Poema XXII: O FUTURO ESTÁ ABERTO
Poema XXIII: O RETIRANTE
Poema XXIV: FILHO DA SOLIDÃO
Poema XXV: CORAÇÃO NAVEGADOR
Poema XXVI: O CRENTE
Poema XXVII: VIAJANTE
Poema XXVIII: LUA MINGUANTE
Poema XXIX: A LUZ DO MUNDO
Poema XXX: A VIDA É BELA
Poema XXXI: O NOME
Poema XXXII: VOZES COMPANHEIRAS
Poema XXXIII: MARIA
Poema XXXIV: ALMAS GÊMEAS
Poema XXXV: AS PALAVRAS TÊM PODER
Poema XXXVI: NADA SENÃO O AMOR
Poema XXXVII: POR UM MUNDO MAIS UNIDO
Poema XXXVIII: JARDIM OCEÂNICO
Poema XXXIX: A FLOR DA LIBERDADE
Poema XL: O SABOR DA SAUDADE
Poema XLI: AS LUAS DA VIDA

FILOSOFIA DE VIDA

Banhados pelo mesmo mar,
Cobertos pelo mesmo céu,
Seguimos juntos, eu e o amor,
Desvendando os segredos do amar.

Quando resta somente um pouco
Das delícias de fanados dias,
É da seiva do sonho que alimentamos
A nossa esperança pelo amar de novo.

Toda essa ideia de felicidade
Remete-nos à primavera da vida,
Onde o último suspiro de decadência
Transmuta-se em ventos de modernidade.

Lutamos juntos contra o império da morte
Para que o exército da vida sempre vença,
E ganhamos dia a dia um pedaço da vitória
Da fé sobre a descrença.

AMOR AO PRÓXIMO

Em algum jardim de minha mente,
Uma ideia começou a desabrochar,
E espargia esperança no ar,
E me envolvia completamente.

Virei-me para dentro de mim,
Tomado pelo cheiro da emoção,
E caminhei até o jardim,
E abracei a flor em botão.

A cálida ideia abriu-se inteira
Diante de meu pálido espanto,
E era uma flor faceira,
E me alegrava tanto.

Em algum jardim de minha mente,
Essa ideia sabiamente me dizia
Que só no amor ao próximo eu encontraria
Um jardim florido para cuidar eternamente.

ESPELHO FIEL

Um dia, eu serei um espelho fiel do amor,
Quando as mãos fechadas do egoísmo insano
Não lançarem a minha paz ao abisso do pesar,
E o ódio não tiver mais parte nenhuma comigo,
E a verruma cruel do ciúme não me perfurar
Os tecidos da alma com tamanho furor,
E o sonho não se transformar em dano,
E o fero inimigo tornar-se um vero amigo,
E a fé sincera deixar de ser explorada,
E o arauto do perdão falar mais alto,
E a lógica funesta do orgulho estiver errada,
E a trega vingança não me tomar de assalto...
Estarei, um dia, mais próximo de mim,
E assim mais perto também dos outros,
À medida que o embrião do amor enfim
For crescendo em mim pouco a pouco.

ASAS

Se o meu coração tivesse asas,
A distância não me lançaria ao fundo
Solitário e infeliz de mim mesmo,
Nem nas noites eu andaria a esmo,
Longe do caminho por onde passas,
Sem destino feliz no mapa do mundo.

Se o meu coração pudesse voar,
Transportaria o meu amor sobre o mar,
E cruzaria toda a imensidade da terra
Para seguir o caminho em que estás,
E com o braço forte de potente serra,
Venceria a dureza da distância tenaz.

MORAL DA HISTÓRIA

Pelos astros do céu,
Pelo voo das águias,
Pelos segredos do mar,
Pelo verde da esperança,
Valeu a pena ter nascido.

Pela doçura do mel,
Pela harmonia das árias,
Pela ventura de amar,
Pela alegria da lembrança,
Valeu a pena ter vivido.

Por todas as batalhas que lutei,
E por todas as lutas que venci,
Eu sou grato pela paz que ganhei,
E grato pelas ilusões que eu perdi.

MULHER AMADA

Os versos que escrevo para enaltecer
Os olhos tão serenos da mulher amada,
E os seus talentos naturais para o amor,
Flores vivas que me fazem viver,
Céus abertos que me refazem da dor,
Sonhos eternos de linda noite enluarada...
Sem jamais negar-me o seu amor sem fim,
Não se resumem a uma mera loucura de poeta,
Porque expressam todo o amor candente que há em mim
Pela mulher que me abriga, e me entende, e me completa.

ANJO E DEMÔNIO

Entre procelas e bonanças,
Navego em um largo oceano,
Oscilando entre dois senhores:
O desencanto e a esperança.
E assim tão mortal, tão humano,
Sirvo-me dos prazeres e das dores
Na busca incessante pela felicidade,
Trazendo no meu oculto mais profundo
Um mistério de rutilância e escuridão,
Invisível aos olhos vigilantes do mundo:
Um anjo que me ensina a Cristandade
E um demônio que me atira ao chão.

POR QUÊ?

Seja primavera de flores, seja desflorado outono,
Esteja triste o inverno ou radiante o verão,
Faça do amor, a cada instante, o seu Guardião,
Anjo velante que assiste o seu sono
No descanso da noite e a sua labuta
Do dia, no remanso da paz ou na correria da luta.

Em seu pomar interior,
Cultive o amor com sinceridade,
Apesar (ou por causa) do clima,
Porque, da alva ao ocaso da vida, do amor
Dependem a semente da autoestima
E a árvore da felicidade.

E eu, já com a alma quebrantada,
Afogada em lágrima profunda,
Crucificada e desfeita em partes,
Ouço a minha parte sobrevivente, que vos pergunta,
Agonizante, esquecida e consternada:
Amor que sempre amei, por que me abandonastes?

ESTUDANTE PARA SEMPRE

Ainda tenho muito a aprender:
A canção de amor que não sei cantar,
O poema de amor que não sei escrever,
O sonho de amor que não sei realizar.

A angústia que já não cabe em mim
Ainda não sei como superar;
A volúpia que já não tem fim
Ainda não sei como controlar;
O apetite para compreender a vida
Não há, acredite, como satisfazer,
Porque a fome de amar sem medida
É a força mágica que me faz viver.

PERSONAGEM

Não tive da vida tudo que quis.
Alguns sonhos que plantei com fé floresceram;
Outros tantos, por medo de neles me arriscar,
Deixei que sumissem na curva do rio,
No esquecimento...
Melhor assim.
Não me arrependo de nada que fiz.
Dos sonhos que vivi, e dos que se perderam,
Ficou a certeza de que lutei com brio;
E pelo que de resto ainda me sobrar
Para ser vivido, ou apenas sonhado,
Quero ter a nobreza de ter lutado
Em cada momento...
Até o fim.
Por que é tão importante sonhar?
Porque a vida é feita de invernos, outonos,
Primaveras e verões,
Mas é feita também de coragem, sonhos,
Perseverança e realizações,
Coadjuvantes da personagem amar!

PARA QUEM AMA

O amor conta o tempo por minutos,
Átimos que parecem uma eternidade;
Para quem ama, a lembrança
Tem o sabor e o aroma
Da eterna esperança,
A alegria de saber
Que a pessoa amada existe
Desfaz em cinzas a tristeza
Da ausência que insiste em doer;
O amor resgata o tempo,
E dissipa a distância;
Para quem ama, o mundo
É pequeno, minúsculo
Como um grão de areia,
E a distância é curta,
Menor que um passo;
Quando dois corações
São um só, quando duas almas
São gêmeas desde o berço,
Apesar do tempo,
E apesar da distância,
Compartilham o mistério da vida,
Dividem o milagre da existência,
E já não podem caminhar,
Nem sonhar, nem brilhar sozinhas,
Porque o amor é mesmo assim:
Um fogo vivo que não falece,
Um vento brando que não termina,
Uma dor suave que não desatina,
Uma doçura amarga que apetece!

RIDENTE ESTAÇÃO

As flores são como as estrelas,
As estrelas, como as flores;
Tudo é primavera
— ridente estação —
No coração em que prospera
O jardim silente da felicidade;
No lado direito floresce o amor,
No lado esquerdo, a compaixão,
Sentimentos que não têm idade.
Onde há alma tão pura que se irmana
Com tudo que na terra viceja
E com tudo que no céu reluz,
Há um coração compassivo que ama.

SEM O SEU AMOR

Sem o seu clemente amor,
Eu não estou bem certo
Se sonharia com os dias de luz,
Se sonharia com a luz da alegria,
Nem mesmo sei se eu teria algum sonho.

Sem o seu sábio amor,
Eu não estou bem certo
Se viveria no mosteiro da paz,
Se viveria na fortaleza da fé,
Nem mesmo sei se eu teria alguma vida.

Sem o seu fulgente amor,
Eu não estou bem certo
Se amaria o nascer do Sol,
Se amaria o pôr do Sol,
Nem mesmo sei se eu teria algum amor.

COLECIONADOR DE VENTOS

Tudo me leva para dentro de mim,
Onde coleciono os tripulantes dos barcos
Que comigo navegaram por rios e mares
Deste indecifrável mundo sem fim,
Habitado por sonhos e mistérios vastos,
Fonte inesgotável de júbilos e pesares.

Nas margens fecundas em que finquei raízes,
Cultivei sementes de profunda paz e amor,
E nos campos verdejantes brotaram felizes
Instantes que coleciono no livro da memória,
Os melhores capítulos de minha história,
Qual pétalas dispostas em indelével flor.

Navegando por rios e mares compartilhei
Com os tripulantes minhas lendas e verdades,
E se das viagens eles não mais se recordam,
Dos momentos felizes eu jamais me esquecerei,
Porque as boas lembranças são ventos que sopram
Nos céus azuis da alma, onde coleciono felicidades.

CANÇÃO DE AMOR

Essa canção sentida assim,
De forma tão verdadeira,
Por vezes, luzidia
Como a alva do amanhecer,
Por vezes, ligeira
Como um sono breve,
Não haveria de desfalecer
De forma assim tão fria,
Coberta por densa neve,
Muda como o céu cinzento,
Fugidia como a rajada de vento.
Essa canção sentida enfim,
Tão sincera e intensamente,
Haverá de meus sonhos visitar
Em longas noites maldormidas
Por muitas, e muitas, e muitas vezes,
Passe o tempo que passar:
Dias, semanas, meses...
Mas como nesta vida nada é eterno,
O que me resta agora é a esperança
E o sorriso inocente da criança
Que cantarolava outrora no colo materno.
Se o amor foi Deus quem fez,
E é dele que tudo nasce, e tudo vive,
O sonho de amar, e mais amar,
Nunca terá medida, nem idade,
Nem nada que o possa calar,
Posto que o amor é livre,
E livre será eternamente.
Quem sabe, talvez
Ainda nos encontremos em outras vidas.
Talvez, quem sabe
Ainda cantemos essa canção novamente.

A BOA ESTRELA

O segredo da sorte,
A boa estrela,
Força desconhecida e poderosa,
O fortúnio imprevisível,
Está na forma de viver,
De olhar a vida e vê-la
Sempre sorrindo e formosa;
Está em ser forte
— Não indestrutível —
E jamais deixar de crer
No resultado favorável,
Na coincidência feliz,
Na ocorrência casual;
Está em ser sociável,
Em acreditar naquilo que diz,
Em ser assíduo e pontual,
Em trabalhar com afinco;
Está em se arriscar
Despojado do medo paralisante do fracasso;
Está em lutar o bom combate e comemorar
Todo sucesso alcançado com um grande abraço;
O segredo da sorte reside em vislumbrar
Um futuro maior, melhor e lindo,
Ter esperança para nele depositar
E deixar para trás tudo que jaz findo;
Consiste em orar com fé
À luz dourada do meio-dia ao almoçar,
À luz prateada da meia-noite ao se deitar,
E ao tropeçar e cair, aprender com a queda,
Não dar a sorte por perdida,
Tirar do caminho a pedra,
E voltar a ficar de pé
Diante da vida;
Melhorar-se para, então, se levantar
Do chão e prosseguir na procura
Da merecida ventura.

MAR DE ROSAS

Ainda que o vazio dessa noite aterradora se eternize
E sepulte em seu abismo profundo a luz da manhã,
Mesmo assim haverá sempre o limiar de um novo amanhã
E um feixe luminoso de esperança cruzando o céu fechado
Com o bálsamo que impedirá que a fé combalida agonize
E desfaleça no fundo sem base do mausoléu do passado.
As noites em claro não seriam tão vazias e solitárias
Se as saudades dos dias idos não fossem tão várias.

Ainda que a foice sombria da morte,
Erguida pela mão do Cavaleiro das Trevas,
Mutile o coração que pulsa esperançoso,
Mesmo assim haverá sempre o punho forte
De um anjo mensageiro vindo das iluminadas esferas
Para afugentar as sombras funestas do vale tenebroso.
Para quem crê em Deus, a morte é um novo norte;
Para os faltos de fé, a morte é mesmo a morte.

Ainda que o poeta assista ao velório e enterro
Do poema de amor que não conseguiu criar,
E que poderia ter sido seu filho mais lindo,
Ais convulsos não haverá o poeta de expressar,
Mesmo que o luto lhe cause um fusco desespero,
Pois os sóis da inspiração continuarão reluzindo.
O poeta não faz versos como e quando quer;
Os versos nascem como e quando a poesia vier.

Ainda que na vida cada um procure o que deseja,
Nem sempre o que busca é aquilo que precisa ter,
Mesmo que em detalhes a si mesmo conheça,
Visto que toda ventura que no mundo almeja
Pode lhe ensinar o bem que porventura mereça,
Mas talvez não lhe traga o que precisa para crescer.
O sucesso não está em ser melhor ou chegar primeiro,
Mas, sim, em fazer o melhor possível e ser verdadeiro.

Ainda que faltem palavras no dicionário
Para expressar a dimensão imensurável do sentimento,
Sobejam luas nas noites estreladas, cheias e novas,
E o sonho de transcender o ser humano

Para ser eterno, um ilimitado visionário
Das sutilezas que fogem à visão do pensamento,
E ver se há beleza na harmonia das formas,
Mesmo em face de ofuscantes enganos.

A vida tem momentos; cada momento, uma emoção;
E as pessoas recebem dela a medida do que a ela dão.
Fosse essa vida um imenso mar de rosas,
Com luzes coloridas as estrelas cintilariam,
Mais vida teriam certamente as vidas nossas
E perfumados intensamente os céus seriam.
A poesia não assinou seu fim; ainda vicejam cores
Em seu jardim e a plumagem linda dos beija-flores.

O FIM DE QUEM AMA

Na felicidade ou na infelicidade,
O lume do amor está presente
E a sua luz própria é atuante.
Na felicidade, para dividi-la com os outros;
Na infelicidade, para diminuí-la aos poucos.
O amor é um nume onipotente,
Leve como a pluma flutuante.
Dar asas ao amor e viver como quem plana
Torna o fardo pesado do dia mais suportável
Quando se anda pelo largo abismo da tristeza,
E a face clara da noite fica mais estrelada
Quando se alcança o cimo da montanha,
Tendo na base o sonho e no topo a realização.
O amor nada perde, antes tudo ganha,
Posto que quem ama sempre e de verdade
A vida simples que da natureza emana,
Em forma vegetal ou em forma animal,
Tem a leveza do vento e a força da beleza,
Tanto em palavras quanto em atitudes,
Que tornam a visão do mundo mais agradável,
Com todos os defeitos e todas as virtudes
Inerentes à condição humana existencial,
Seja no fundo sombrio do abismo onde a dor
Espelha o poente que introduz a noite cerrada,
Seja na montanha vistosa que reflete o fulgor
Do nascente que reluz no azul em expansão.
Em todos os ritmos da poesia
Que a natureza declama,
Bate no compasso da alegria
O coração que ama.

O CENÁRIO DA SOLIDÃO

Alto o pensamento voa,
E com ele eu sigo também,
E com ele eu me sinto tão bem,
Que não me vejo como a mesma pessoa.
Longe o pensamento pausa,
Atrás do horizonte, além do mar,
E quando o véu da noite se deita e repousa,
O pensamento voa para outro lugar.
De um recanto para outro recanto,
O cenário da solidão vai mudando.
Eu não sei qual é a razão de tanta procura,
Se voa tentando fugir do tormento,
Ou se voa a fim de passar o tempo,
Se outra explicação existir porventura.

EU CRIANÇA

Quando pousei neste planeta,
Primeiro veio a infância,
E pelo que saudosamente me lembro
O eu criança fazia careta,
E corria, e pulava, e esbanjava alegria;
Amava o lar e a vizinhança
Diariamente, de dezembro a dezembro;
A vida era só brincadeira,
Desde a luz primeira de cada dia...
Eu era feliz à minha maneira.
O tempo andou, correu, voou ligeiro,
Qual faísca de ardente fogueira,
Tão rápido que eu não me dei conta;
Foram muitos os sonhos que me levou
A realidade do mundo em movimento,
E muitos também os amigos que me tirou
A foice afiada e inclemente do tempo;
De perda em perda que na vida sofreu,
Pouco a pouco fui deixando de ser inteiro;
Hoje sigo o rumo que o coração me aponta,
Levando na valise tudo que de bom vivi;
Mas a ventura pueril daquela época persiste
Até os dias hodiernos, guardada na lembrança;
E nas vezes que me pego cabisbaixo e triste,
Como se estivesse dando o suspiro derradeiro,
É o eu criança que me renova a esperança.

UM DIA DE CADA VEZ

O céu estava vestido de azul nesse dia
Da estação das flores que principiava,
Fechando a janela por onde entrava
O vento gélido da minguante invernia.
Abria o céu um radiante sorriso azul
De leste a oeste, de norte a sul,
E a paz dessa manhã de anilado céu aberto
Aquecia-me a alma com um abraço fraterno.
Ao meu redor o ambiente refletia o sereno céu
Que acobertava os campos da verdejante alma;
A manhã encerrava um sabor amarelo de mel,
E exalava um cheiro floral de apaixonada calma.
Tudo em mim retratava fielmente o colorido
De safira daquele nascente céu de primavera;
Na verdade, acredito, eu mesmo tinha e era
A beleza natural imanente àquele dia bonito.
As mágoas férvidas congelei no inverno findo,
Delas rancor nenhum no fundo da alma restara;
Como na fachada do céu de ternura primaveril,
No meu coração vicejava um tom de azul limpo,
E em tal semblante de ar assim tão lindo surgiu
A alvura mesma da recém-nascida manhã clara.
Há dias que sem plausível razão
A vida faz-se uma face mais viva e faceira,
E talvez esteja nessa ausência de explicação
A essência da felicidade verdadeira.
Por isso amo tudo que concilia e une,
Por isso vivo um dia de cada vez,
Porque se hoje é dor e azedume, talvez
Amanhã venha a ser flor e perfume.

O FUTURO ESTÁ ABERTO

Universo de novas descobertas
É o admirável mundo da ciência,
Tem sempre objetos não identificados;
Verdades naturais não provadas
Pela minuciosa experiência,
Que por nuvens altas jazem encobertas.
Apesar de ser um porto incerto
Na viagem infinita do tempo,
O futuro está aberto,
Sem termo no firmamento.
Ao redor dos fatos estudados pela ciência,
Flutuam nuvens de formas arredondadas,
Cúmulos de verdades inimagináveis,
Enigmáticas por excelência,
Que atizam o científico pensamento;
Existências de conteúdo e forma ignoradas,
Presentes na realidade física de todo lugar;
Mistérios que, com o passar do tempo,
Apresentam-se sempre mais fáceis
De entender do que de ignorar.

O RETIRANTE

Pode ser que o vento
Leve os meus ideais,
Mas o meu sentimento
Jamais.

Pode ser que a chuva
Dissolva a minha paz,
Mas a minha luta
Jamais.

Pode ser que o trovão
Torne inaudível o meu grito,
Mas a voz do meu coração
Não acredito.

Pode ser que a tempestade
Destrua o meu único abrigo,
Mas a minha força de vontade
Não acredito.

Pode ser que de tempos em tempos
Eu fraqueje, tropece e caia combalido,
Mas em vez de me render aos lamentos,
Haverei de aprender a ser mais combativo.

Eu sou o retirante que, acossado
Pelas penúrias inerentes à vida,
Migra para estâncias não sabidas,
Levando na bagagem roupas e saudades
Dos compadres que se alojaram no passado,
Paralisados pelo medo do desconhecido,
E muita coragem para vencer as adversidades,
Motivado pelo amor que nunca se dá por vencido.

FILHO DA SOLIDÃO

Ouço o mundo à minha volta,
E o rumor das ruas me revolta;
Ando pelas calçadas das cidades
Como quem evita as tempestades,
E quando desce o manto escuro
Da noite, vejo nele o meu futuro.

Eu amo os ambientes desertos,
Espelhos que refletem a grande multidão
De pequenos vazios que carrego comigo,
E quando lanço os olhares esparsos na amplidão
Dos espaços e vejo que não há ninguém por perto,
Tenho a grata sensação de estar cercado de amigos.

Filho da solidão
Que sou, o silêncio me distrai,
E o abandono, com certeza,
É a minha maior satisfação.
Nada mais me atrai
Na natureza.

CORAÇÃO NAVEGADOR

Quando eu era menino,
Ardia um desejo premente de rir
Em meu peito,
Luzia no horizonte algum destino
A alcançar, perto ou longe,
Havia muitas idas e vindas na minha vida:
Eu tinha um coração navegador, mas não sabia.
Foram-se os risos com os anos e, hoje em dia,
Como uma nau à deriva nos oceanos perdida,
Arde uma vontade urgente de ir,
De qualquer jeito,
A alguma parte, mas não sei aonde.

O CRENTE

Sepultada a esperança
Na culminância deletéria do desencanto,
O que sucederia se você se rendesse
Ao laço do desamor?
Com certeza, sua alma descansaria no leito da treva.
E se ao cair no vazio você descesse
No braço do amor?
Mas você, crente, é duro na queda.
Ressuscitada a esperança
Pela etérea rutilância do encanto,
O brilho outrora perdido se refaz
Nos olhos mesmos em que o pranto,
Tantas vezes vertido, agora fanado jaz.
Se ao menos você morresse
Para a falsa realidade,
Talvez você renascesse
Para a valsa da eternidade.
Levar a vida sem amor é como internalizar a treva,
Posto que o amor é sol, luz que eterniza a vida,
E apostar no desamor é peleja de antemão perdida,
Por mais altivo que seja, é voo fadado à queda.
Armado de amor, você vence o mundo,
Vencendo o mundo, você conquista a glória,
Voa mais alto, mergulha mais profundo,
Vivendo de amor, você glorifica sua história.
Porque do amor
— Não do mundo —
Você recebe a paz;
Porque do amor
— Tão profundo —
Você recebe amor... ainda mais.

VIAJANTE

Nesta época triste e conturbada,
Os caminhos são acidentados e finitos,
Por isso, viajante, recomeçar é preciso,
Recomeçar, muitas vezes sem chão, do nada.

Nesta curta e atribulada vida,
Tudo passa, tudo fende, tudo escorre...
Por mais odorante, charmosa e colorida,
Toda rosa, um dia, se pende e... morre!

Sempre! Que se comece a vida inteira de novo
É preciso (quando o novo falece e jaz no passado),
Porque mesmo que fugaz, ainda que dure pouco,
A vida áurea é — linda valsa — um laurel dourado.

Dura é a sentença ir(recorrível) de reviver
Na lembrança o pesar que se deseja esquecer,
E não pensar o mundo com amor, com doçura,
Como o pensa a criança, esta flor tão pura!

E se me enseja o momento um epíteto
Para sintetizar o enredo dos tempos idos,
Proponho, sem medo de errar, no epílogo:
Valeram a pena todos os sonhos vividos.

LUA MINGUANTE

O tempo passa, e ninguém percebe, voando.
Alguns sonhos germinam na seara da fé e dão fruto,
Outros terminam no chão da antessala do futuro,
E o tempo não para, continua passando.
O tempo é estrela que brilha sem se ver.
A vida é centelha que arde até morrer.
Eu vejo no céu distante a face nua e bela
Da lua cheia, cheia de luz, luz que se deita no mar,
Sabendo que, mais adiante, essa fase vai minguar.
Eu vejo a vida como quem se despede dela.

A LUZ DO MUNDO

Mistério etéreo!
Quando inesperadamente desponta,
O amor é clarão que nunca apaga.
É tempo que não se conta,
Distância que não se mede.
O amor é canção que nunca acaba,
Tornando o fardo do mundo mais leve.
Etéreo mistério!
É sentimento sem condição,
Não tem idade, cor e raça.
O amor não tem preço nem precisão,
É apreço que chega de graça.
Quem tem amor para doar
Tem a alma sempre a brilhar.

A VIDA É BELA

Toda beleza se revela
Nas coisas simples da vida,
E disto o poeta não duvida:
A vida é simplesmente bela.
Há poesia por toda parte,
Na Lua inebriante que alumia,
No Sol escaldante que arde,
No despertar e adormecer do dia.
A magia está em todo lugar,
No coração dos amantes,
Na ventania do mar,
Na sucessão dos instantes.
Seja a vida então minha companheira
Até o desenlace das eras,
Que me doe ainda muitas primaveras
Antes da hora derradeira.

O NOME

Sempre lindo, alegre ou triste,
És genitor da suprema beleza
E moras na inesgotável abundância
De todo esplendor que existe,
Essência criadora da Natureza,
Encerras a sublime exuberância,
E em teu louvor o mundo canta,
E dança, e poetiza com maestria
O tesouro de dias deslumbrantes,
Posto que o teu nome é amor
E tudo o que fazes aos cinco sentidos encanta,
Conjunto de obras que o homem não entenderia
Se não tivesse sofrido e aprendido com a dor
A força inquebrantável que sustenta os amantes.

VOZES COMPANHEIRAS

Sigo a voz da razão,
Que me permite refletir,
Compreender, ponderar,
Julgar os meus atos
E fazer a justa distinção
Entre o certo e o errado.

Sigo a voz do coração,
Que me permite ser humano,
Amar o bem sem condição,
Odiar o mal sem vingança,
Plantar a alegria em um idoso,
Ceifar a tristeza de uma criança.

Sigo a voz da fé,
Que me permite confiar
Em mim mesmo e em Deus,
Acreditar em um futuro melhor,
Cuidando para sempre fomentar
A paz ao meu redor.

MARIA

Como é lindo o olhar de Maria,
Que nem mesmo o céu com sua beleza,
Que nem mesmo o mar com sua grandeza,
Conseguem me encher de tanta alegria!

Como é linda a estação das flores,
Que nem mesmo o céu quando o dia raia,
Que nem mesmo o mar quando beija a praia,
Conseguem me causar tantos ardores!

Maria tem a natureza das rosas,
Que nunca refletem o mesmo colorido:
Um dia é poesia; outro dia, prosa.
Maria é meu céu, meu mar, meu sonho mais bonito!

ALMAS GÊMEAS

Se duas almas são gêmeas,
Se curvam os lábios no mesmo sorriso,
Se derramam lágrimas pela mesma dor,
Pelo mesmo luto,
Então são para ambas efêmeras
As horas que atravessam distantes
E o encontro sonhado no tempo impreciso.
Para sempre serão dois corações amantes,
Como duas canções de amor
Iguais em tudo.
Os dias correm,
Os anos passam,
Mas as almas que se amam
Para o amor nunca morrem.
Porque o amor é a única realidade,
Embora com distintas manifestações;
Porque o amor é a única verdade,
Embora com distintas denominações.

AS PALAVRAS TÊM PODER

As palavras têm fragrância,
As palavras têm sabor;
São as palavras de esperança,
São as palavras de amor.

As palavras, quando ditas
Do fundo do coração,
Resgatam mundos, resgatam vidas...
Transformam em luz a escuridão.

As palavras são instrumentos
Para o maldito e para o bendito:
As más envenenam quem as diz
E ficam perdidas nos ventos;
As boas são ouvidas no infinito
E deixam quem as ouve feliz.

NADA SENÃO O AMOR

Senão o próprio amor,
O que mais, nesses tempos difíceis,
Poderia promover a paz,
Aplacar a dor,
Realizar sonhos, ainda que soem impossíveis,
E aproximar os desiguais?
O que mais, nessa época triste,
Poderia vencer o preconceito,
A opressão que castra,
A discriminação que existe,
A indiferença nefasta,
E perdoar o imperfeito?
Tudo é amor no Universo,
Este ambiente desconhecido,
Até mesmo o ódio, que envenena o perverso,
Nada mais é senão o próprio amor adoecido.

POR UM MUNDO MAIS UNIDO

Se voltar no tempo a minha alma pudesse,
Nem que fosse apenas por um minuto,
Valeria a pena essa viagem no tempo
Para encontrá-la onde quer que estivesse,
Acima ou abaixo do firmamento.
A paz não tem preço nem prazo,
Não tem forma alguma nem nenhuma medida,
Riqueza inestimável, vale mais que tudo,
Mais que a brevidade da vida,
Mais que a eternidade do abraço.
Eu me faria de lobo se o dia
Mostrasse somente a sua face noturna,
E percorreria florestas, desertos, tundras,
O mundo inteiro em busca da sua companhia,
Tesouro que o ladrão não alcança, não leva;
Árvore que a ventania não balança, não quebra;
Assim é a paz para quem é sabedor
Do bem que faz a harmonia interior;
Assim é a paz para o coração e a alma humana,
Um sentimento de comunhão que a todos irmana.
Se a vida faz sentido,
O sentido da vida jaz
Em ensinar as virtudes
E semear a paz,
Com palavras e atitudes,
Por um mundo mais unido.

JARDIM OCEÂNICO

Com todas as letras do alfabeto
A poesia expressa o vivo lume
— Fonte inspiradora da criação
Que tendo em mãos pequenos fascínios
Constrói um mundo fascinante —
Força cintilante das flores submersas
No vasto jardim oceânico do sentimento;
Com todas as palavras do pensamento
A poesia expressa o doce nune
— Deidade criadora da inspiração
Que tendo no coração pequenos êxtases
Constrói uma vida extasiante —
Poder cativante das pétalas imersas
No profundo oceano romântico do afeto.
Cada vez que fico triste,
Triste faço versos de amor;
Cada vez que fico alegre,
Alegre faço versos de amor.
Alegre ou triste, é a poesia
Que me convida a compor;
Alegre ou triste, é o amor
Que me inspira a poesia.
O poeta que não tem amor para doar
É como a flor em botão pendida sobre a estrada,
De si mesma escondida, em si mesma abandonada,
De si mesma afastada, em si mesma esquecida,
Sem ter a quem amar, nem agradar, nem conquistar
Doando a beleza vistosa das pétalas coloridas;
Não sabe da poesia o edificante segredo
Que é amar a vida, dia a dia, sem medo,
E assim, fechada para o amor, a flor em botão
Fica alheia à beleza — errante — presa à solidão,
Perdida no vazio da vida, cansada da fria caminhada,
Sem destino certo, sem ninguém por perto, sem nada.

A FLOR DA LIBERDADE

A liberdade é flor,
Beleza que viça em terras conhecidas
E em terras desconhecidas,
Seja onde for
É sempre bem recebida,
Colorindo sonhos e campos,
Perfumando lares e vidas,
Abrindo sorrisos, fechando prantos.
Já não sou eu quem pensa,
Já não sou eu quem fala,
E o que penso e falo nesse trecho
Da minha longa história de vida
Não quer nenhuma recompensa,
Quer apenas expressar o desejo
Que não se cansa nem se cala:
Um forte assomo de fé e esperança
Para continuar de pé na caminhada,
E um certo ar fagueiro de criança
Para torná-la menos sofrida,
Mais nada.
Já não sou eu que penso,
É a emoção do momento;
Já não sou eu que falo,
É o coração emocionado.
E quando a derradeira vontade
Vier à minha porta bater
Assim tão de repente,
Pedirei a flor da liberdade
Que perdi para o mundo ao nascer
Assim tão dependente.

O SABOR DA SAUDADE

Incólumes, povoam a intimidade do meu ser
Os amores que o coração não quer esquecer.
É meia-noite e o silêncio é reinante
Entre as quatro paredes do meu aposento;
É meia-noite e o silêncio é ruidoso
Entre as quatro paredes do meu pensamento.
A Lua está cheia e as estrelas cintilantes
Despertam na alma um sentimento saudoso;
Assim tomado por essa luzidia inspiração,
Relembro com emoção os dias de outrora;
Sinto as lágrimas escorrerem do coração,
E elas são tudo de que disponho agora.
Nessas noites que passo a sós comigo,
Revejo os sonhos felizes de um tempo antigo.
Naquela época, eu me vejo mais vivo
Na presença de saudosos entes queridos,
Amigos que os anos levaram sem mandar aviso.
Hoje, eu escuto por dentro o soluçar do pranto,
Que quebra o silêncio com esparsos gemidos,
Soluços que ouço de quando em quando.
E assim inundado pelas águas passadas
Eu sigo sozinho na solidão das estradas,
Sem saber até quando sonharei acordado
Nessas noites sem vida de vivo desalento,
Vagando entre sombras de volúpias e lamentos
Na sofrida ausência de tudo que amei no passado.
A duras penas derrubo os pesados muros da dor,
Enquanto dou forma à leveza inerente ao amor
Com que amei as pessoas que, na lembrança eterna
E infinita, ainda vivem em comunhão fraterna.
Essas lágrimas noturnas das horas que andam
Em passos lentos — ora alegres, ora tristes —
Têm o sabor da saudade que em mim existe
Das pessoas que amo e também me amam.

AS LUAS DA VIDA

Assim diz a minha verdade:
A vida é cíclica,
E em cada ciclo,
Que dura uma eternidade,
O tempo passa da Lua Nova
Para a Lua Cheia.
Na Lua Nova,
É a sua luz serena
Que me clareia,
E na Lua Cheia,
É a sua serena luz
Que se reflete em mim.
Na falta de seu amor,
Primavera da vida,
O meu coração se desintegra
(A vida toda anoitece),
Mas quando vejo a sua paz
Florescer no meu jardim,
Vida da primavera,
O meu coração se reintegra
(Toda a vida amanhece).
A multidão das artes
Não me encanta mais
Do que o seu olhar cativante,
E a razão das ciências
Não me esclarece a dor
Que sinto na sua ausência.
Porque você é mar
E eu sou navegante,
Porque você é céu
E eu sou aviador,
Porque não posso amar
Sem ser amado por você,
Porque o sabor do seu mel
É a alegria que me faz viver:
A minha verdade diz assim.

FIM

MENSAGEM

A ESTRELA GUIA DA HUMANIDADE

O Dia Internacional dos Direitos Humanos é comemorado em 10 de dezembro. A data é importante para a História da Humanidade no que diz respeito à maneira como as sociedades modernas são administradas pelo Poder Público. A Declaração Universal dos Direitos Humanos assegura a todas as pessoas o direito à vida, à liberdade, à dignidade e à segurança, bem como lhes dá a garantia de serem governadas com honestidade, responsabilidade e transparência por representantes políticos eleitos pelo voto direto e secreto.

Quando a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi promulgada, o mundo ainda sentia os efeitos nefastos da Segunda Guerra Mundial. Depois do fim da Segunda Guerra Mundial e do nascimento da Organização das Nações Unidas, ambos em 1945, os líderes mundiais decidiram cumprir a promessa da comunidade internacional de nunca mais permitir atrocidades como as que foram praticadas pelo III Reich. Para tanto, elaboraram um documento para servir de estrela guia para a humanidade, garantindo os direitos fundamentais de todas as pessoas em todos os recantos do planeta. Nesse documento de cunho humanitário, foram estabelecidas as diretrizes da boa convivência social. No entanto, infelizmente nem sempre a teoria e a prática andam de mãos dadas. A diversidade de caráter dos homens, associada aos preceitos democráticos do sistema representativo moderno, levou a sociedade política a conferir a ilusão do poder ao povo, reservando à classe dominante a realidade do poder. Os escândalos de corrupção política demonstram que alguns governantes têm conceitos de honestidade distintos das ideias dos cidadãos. A certeza da impunidade contribui para que os políticos malfeitores utilizem a administração pública para satisfazer seus interesses pessoais em detrimento do interesse público. Quanto mais a população se deixa manipular pelos discursos políticos carregados de supostas boas intenções, mais os eleitores concedem seu voto de confiança aos candidatos que julgam bem-intencionados nos pleitos eleitorais.

Contudo, a mentira tem pernas curtas e, cedo ou tarde, os indivíduos terminam por compreender, em face dos acontecimentos divulgados pelos veículos de comunicação de massa, que foram enganados e se voltam contra aqueles que exploram sua ignorância. Em tempos de crise política, os governantes mal-intencionados recorrem à ameaça e violência para se manterem no poder. Para as pessoas de boa índole, a teoria e a prática caminham juntas na consecução da paz social; para as pessoas de má índole, há uma separação entre a teoria proposta pela sociedade civil e a prática que convém aos seus interesses egoístas. A Declaração Universal dos Direitos Humanos é uma advertência contra as injustiças sociais e os julgamentos precipitados decorrentes da ignorância. Em linhas gerais, esse documento de valor histórico e jurídico pretende que as pessoas de bem exijam das autoridades democraticamente constituídas que:

I - Todos os seres humanos venham ao mundo livres e iguais em dignidade e direitos, devendo agir uns para com os outros irmanados pelo espírito da fraternidade.

II - Todos os seres humanos possam invocar os direitos e as liberdades proclamados no presente documento, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou religiosa, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de

qualquer outra situação. Além disso, espera que não seja feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente ou sujeito a alguma limitação da soberania nacional.

III - Todo indivíduo tenha direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

IV - Ninguém seja mantido em estado análogo ao de escravo ou em situação de servidão.

V - Ninguém seja submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.

VI - Todos os indivíduos tenham direito ao reconhecimento, em todos os lugares, da sua personalidade jurídica.

VII - Todos sejam iguais perante a lei e, sem distinção de qualquer natureza, tenham direito à proteção da lei.

VIII - Toda pessoa tenha direito a recurso efetivo para as jurisdições nacionais competentes contra os atos que violem os direitos fundamentais reconhecidos pela Constituição ou pela legislação infraconstitucional.

IX - Ninguém possa ser arbitrariamente preso, detido ou exilado.

X - Toda pessoa tenha direito, em plena igualdade, a que a sua causa seja julgada por um tribunal independente e imparcial que decida sobre seus direitos e deveres ou as razões de qualquer acusação em matéria penal que contra ela seja imputada.

XI - Toda pessoa acusada de um ato delituoso seja considerada inocente até que a sua culpabilidade fique legalmente provada no decurso do devido processo legal em que todas as garantias necessárias de defesa lhe sejam asseguradas, ninguém seja condenado por ações ou omissões que, no momento da sua prática, não constituíam delito em face do direito interno ou internacional, e não seja aplicada pena mais grave do que àquela que era aplicável ao tempo em que a conduta delituosa foi cometida.

XII - Ninguém sofra intromissões arbitrárias na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou na sua correspondência, nem ataques à sua honra e reputação.

XIII - Toda pessoa tenha o direito de livremente circular e fixar a sua residência no território de um Estado, e tenha o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.

XIV - Toda pessoa sujeita a perseguição tenha o direito de procurar e de beneficiar-se de asilo em outros países, desde que não seja invocado no caso de processo existente por crime de direito comum ou por atividades contrárias aos fins e aos princípios das Nações Unidas.

XV - Todo indivíduo tenha direito a uma nacionalidade, e ninguém possa ser arbitrariamente privado da sua nacionalidade nem do direito de mudar de nacionalidade.

XVI - A partir da idade núbil, o homem e a mulher tenham o direito de casar e constituir família, sem restrição alguma de raça, nacionalidade ou religião; tenham direitos iguais durante o casamento e na sua dissolução; o casamento não possa ser celebrado sem o livre e pleno consentimento dos futuros esposos, e a família seja o elemento natural e fundamental da sociedade e tenha direito à proteção desta e do Estado.

XVII - Toda pessoa, individual ou coletivamente, tenha pleno direito à propriedade, e ninguém possa ser arbitrariamente privado da sua propriedade.

XVIII - Toda pessoa tenha direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião, e seja tolerada a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em grupo, tanto em público quanto em privado, pelo ensino dos seus fundamentos e pela prática dos seus ensinamentos.

XIX - Todo indivíduo tenha direito à liberdade de opinião e de expressão do pensamento, vedado o anonimato, o que implica o direito de não ser molestado em razão das suas opiniões.

XX - Toda pessoa tenha direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas, e ninguém possa ser obrigado a fazer parte de uma associação.

XXI - Toda pessoa tenha o direito de tomar parte na direção dos negócios públicos do seu país, quer diretamente, quer por intermédio de representantes democraticamente eleitos; toda pessoa tenha direito de acesso, em condições de igualdade, às funções públicas do seu país, e a vontade popular seja o fundamento da autoridade dos poderes públicos conferida por meio de eleições honestas e periódicas pelo sufrágio universal com voto secreto.

XXII - Toda pessoa, como membro da sociedade, tenha direito à segurança social e possa legitimamente exigir a satisfação dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis, graças ao esforço nacional e à cooperação internacional, de harmonia com a organização e os recursos de cada país.

XXIII - Toda pessoa tenha direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego; todos tenham direito, sem discriminação de nenhuma espécie, a salário igual por trabalho igual; quem trabalhe tenha direito a uma remuneração que lhe permita e à sua família uma existência condizente com a dignidade humana e completada, se possível, por todos os outros meios de proteção social, e toda pessoa tenha o direito de fundar com outras pessoas sindicatos e de se filiar a sindicatos para defesa de interesses comuns.

XXIV - Toda pessoa tenha direito ao repouso e ao lazer, a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias anuais remuneradas.

XXV - Toda pessoa tenha direito a um padrão de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, à habitação, à assistência médica e ainda quanto aos serviços públicos essenciais; tenha direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou nos demais casos de perda dos meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade; a maternidade e a infância tenham direito à assistência especial, e todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozem da mesma proteção legal.

XXVI - Toda pessoa tenha direito à educação gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino fundamental, o ensino elementar seja obrigatório, o ensino técnico e profissional seja generalizado, o acesso aos estudos superiores esteja aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito, a educação vise à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, favorecendo a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz, e aos pais pertença a prioridade do direito de escolher o tipo de educação a dar aos filhos no âmbito familiar.

XXVII - Toda pessoa tenha direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de usufruir as artes e de participar do progresso científico e dos benefícios que deste resultem, e todos tenham direito à proteção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria.

XXVIII - Toda pessoa tenha direito à supremacia, no plano social e no plano internacional, da segurança jurídica capaz de garantir os direitos e as liberdades enunciadas no presente documento.

XXIX – Todo indivíduo tenha responsabilidade na sociedade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade; no exercício destes direitos e no gozo destas liberdades, ninguém seja sujeito senão às limitações estabelecidas pela lei com vistas

exclusivamente a promover o reconhecimento do valor e o respeito pelos direitos e liberdades dos concidadãos, a fim de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar social, e em nenhuma hipótese estes direitos e liberdades possam ser exercidos contrariamente aos fins e aos princípios adotados pelas Nações Unidas.

XXX - Nenhuma disposição da presente Declaração Universal do Direitos Humanos possa ser distorcida de maneira a suprimir do Estado, dos grupos sociais, majoritários ou minoritários, ou do indivíduo o direito de reprimir qualquer atividade ilegal destinada a corromper as liberdades e os direitos aqui propostos.

O direito à vida é um direito individual, o bem jurídico de maior relevância tutelado pelo ordenamento jurídico, tanto na esfera constitucional quanto na esfera penal. Viver, na acepção plena do verbo, consiste em viver para a sociedade. Ouvindo quem precisa de atenção. Cuidando de quem precisa de amparo. Amando, em última análise, ao próximo com um amor desinteressado, e a si mesmo com um amor incondicional. Nessa interação, ambos se beneficiam da solidariedade, tanto o que se doa quanto o que aceita ser ajudado. Quem vive somente para si mesmo não tem senso de comunidade, que é a base para a edificação de uma sociedade alicerçada sobre a base segura da justiça, da qual deriva a paz social necessária ao crescimento pessoal e ao desenvolvimento econômico do país sobre a égide da liberdade individual com responsabilidade social. Viver é doar-se ao mundo exterior. Fechar-se em seu mundo interior é morrer. Morrer para ideias inovadoras. Morrer para novas amizades. Enclausurado em sua intimidade inviolável, o ser humano não aproveita a melhor de todas as oportunidades da existência humana — a chance suprema de ser feliz — superando o medo paralisante, e de tornar os outros igualmente felizes, na medida do possível. Viver é uma dádiva da natureza. Conviver é um exercício da razão. Todo efeito tem uma causa. A paz de espírito é fruto do amor universal. Este sentimento é antagonista do preconceito e de todas as formas de discriminação social, e protagonista da manutenção da ordem e da promoção do progresso.

Na teoria dos direitos fundamentais, esta característica é impingida ao soberano direito à vida: a indisponibilidade. Como pode o aborto passar de crime a direito? Como pode um casal pagar pela morte do próprio filho? Vale ressaltar o exemplo de respeito à vida de uma médica italiana que preferiu sacrificar a própria vida para que a filha pudesse nascer. Pelo senso humanitário de sua atitude, ela foi canonizada em 1994. Os pais são os primeiros educadores dos filhos e é pela conscientização dos pais que se pode construir a cultura da vida.

Vida é movimento. Vida em sociedade é relacionamento interpessoal. O intelectual Max Weber, considerado um dos fundadores da Sociologia, apresenta estes quatro tipos fundamentais de ações sociais:

- 1 - Ações racionais relacionadas a valores: ações tomadas com base nos valores pessoais, sem considerar as consequências possíveis e a adequação social dos meios escolhidos.
- 2 - Ações racionais relacionadas aos objetivos: ações planejadas e executadas mediante a análise da finalidade que se pretende alcançar.
- 3 - Ações afetivas: ações decorrentes dos sentimentos pessoais.
- 4 - Ações tradicionais: ações determinadas pelas tradições enraizadas na cultura social.

No âmago da teoria weberiana está a racionalidade da ação social, que pode estar relacionada tanto com interesses quanto com valores, ocorrendo no cotidiano por meio da interação harmoniosa entre os indivíduos, os grupos sociais e o Estado.

A sobrevivência da humanidade depende da adoção de uma ética global. A regra de ouro dos relacionamentos interpessoais é a mensagem cristã do amor ao próximo, que é um dos mais

conceituados valores morais em todo o mundo: faça aos outros o que você espera que eles lhe façam. Assim seja!

AGRADECIMENTO

Ainda que fruto da imaginação, este romance me exigiu um esforço de pesquisa. Embora a arte de escrever textos literários seja uma atividade solitária, a minha família sempre esteve ao meu lado nos momentos de solidão, quebrando o meu silêncio com palavras afetuosas, estimulantes e bem-humoradas. Agradeço aos erros de relacionamento interpessoal que cometi na vida, porque me ensinaram a me humanizar para, então, me aprimorar como pessoa, consciente das limitações impostas pela condição humana. Agradeço aos meus filhos, que me ensinaram a ser pai. Agradeço aos escritores e poetas de todas as épocas por terem enriquecido a literatura que tanto prezo. Agradeço aos meus pais, que me deram a vida, e a Deus, que me dará a eternidade quando eu fizer por merecê-la como resultado do triunfo sobre as imperfeições que me tornam dependente da dimensão material da existência. Muito obrigado também à poesia, que me fez contemplar no mundo a beleza que por muito tempo os meus olhos não viam e o meu coração não sentia.

Para finalizar, gostaria de deixar registrado neste livro que a poética tem um aspecto espiritualista que atravessa a fronteira demarcada pela realidade natural para sondar a realidade sobrenatural, num esforço para expressar em versos a dimensão espiritual do ser humano reconhecida pela Organização Mundial de Saúde. A diferença entre o materialismo e o espiritualismo reside no fato de que a poesia espiritualista não se sustenta em base científica, com o foco voltado para as evidências observadas no mundo exterior, visível. Antes penetra no mundo interior, invisível, a fim de extrair e elaborar poeticamente o sentimento de redenção que acompanha a ideia da existência de uma força superior a todas as forças humanas, um mistério que, por falta de uma definição precisa, convencionou-se chamar de Deus, fonte suprema de bondade, justiça e indulgência. Imerso em densa neblina, o homem procura um clarão; criatura solitária da criação, o homem clama por Deus na solidão. Além do corpo e da mente, a alma poética assim tenta exprimir o inexprimível sentimento religioso que remonta à noite dos tempos:

Senhor, criador de todas as formas e essências
Das esplêndidas e graciosas belezas naturais,
Ensina-me a lutar com a arma prudente da razão
Contra o império irracional da indiferente maldade.
Não permitas que me falte a indulgência
Com que devo tratar meus rivais,
Nem a luz reveladora da pura verdade
Que me deixa ver as razões do coração.
Fragmentos de mim vejo por toda parte,
Tanto os erros que me ensinam a superar
O fracasso que em meu peito lasso arde,
Quanto os acertos que aprendi a ensinar
Depois de vencer disputadas lidas,
Aos irmãos que mal sabem caminhar
Entre os estorvos da estrada da vida.
Criador, poeta de versos em palavras sensíveis,

Não consintas que os atores da violência e intriga
Ergam torpes muros de concreto intransponíveis,
Que a brandura da complacência seja um campo
Coberto de flores onde as criaturas outrora inimigas
Adornem a flora antes devastada com pleno encanto,
Diante do luar da noite orvalhada e à luz do sereno dia,
E que possam abrir com um leve toque perfumado de alegria
Os olhos dos céus nublados que um dia se fecharam em pranto.

PALAVRAS FINAIS

A viagem do descobrimento não consiste em encontrar novas paisagens no mundo; consiste em olhar-se por dentro com os olhos questionadores da razão, refletir sobre o que até então se resguardara no subconsciente e descobrir novos traços da própria personalidade que lhe abram novos horizontes para o autoconhecimento imprescindível ao aprimoramento intelectual e moral.

O homem é um ser material e espiritual. Por conseguinte, convém ao processo contínuo de autoconhecimento que se estabeleça uma distinção entre o conhecimento científico metódico e o conhecimento espiritual ametódico, ambos válidos para a compreensão do mundo, a partir das leis físicas e extrafísicas que o regem. O primeiro usa a razão; o último, utiliza a sensibilidade. Além de investigar os fenômenos tangíveis da realidade exterior, o homem tem a possibilidade de investigar também os fenômenos intangíveis da realidade interior. Não raro, a complexidade da dimensão material dificulta, mas não impede, a determinação exata da relação de causa e efeito existente na universalidade de fatos naturais que podem ser observados pela pesquisa científica, contrariamente aos enunciados espiritualistas que carecem de provas irrefutáveis das proposições doutrinárias em face das limitações da mente humana, desprovida de faculdades mentais que lhe tornem possível a observação precisa da espiritualidade, cujo crédito vem da própria experiência pessoal ou de testemunhos de pessoas merecedoras de credibilidade no meio social.

Deus não pode ser concebido pelo homem, embora esteja na essência de toda a criação. Entre Deus e o homem existe um longo caminho evolutivo. A duração da caminhada depende do esforço perseverante de cada um em humanizar-se para, em seguida, aprimorar-se espiritualmente. Estamos todos sujeitos aos desígnios de Deus, que trata as suas criaturas com bondade, justiça e indulgência. Entretanto, para chegar ao Templo do Bem, a morada divina, é preciso ter fé. O homem sem fé é como uma videira infrutífera. A fé, associada à esperança, é a condição para que o espírito se desenvolva até o máximo de sua capacidade, que é a perfeição a que todos estamos destinados desde a nossa gênese. Por enquanto, somos sombras do que ainda seremos quando conhecermos a verdade. O espaço ideal do homem, além do local de trabalho, é o lar. A família é onde a nossa história começa, a célula social unida mais pelo espírito do que pelo sangue, uma riqueza mais preciosa que toda a fortuna do mundo. Com certeza, é o melhor antídoto contra a solidão que escraviza o ser humano dentro dos limites intransponíveis do vaso carnal.

A Lua cheia erguia-se por trás dos montes. O aroma do jardim florido alastrou-se no ambiente. Por algum tempo, Herlano ficou comovido com o cair da noite e o colorido perfumado das flores. Havia júbilo em sua alma que se expressava num leve sorriso de gratidão pela beleza natural que o encantava. Em seu coração, vicejava a indulgência de que tanto precisara outrora e que tanto doava agora aos necessitados de perdão no mundo terreno. No tribunal do amor, não há erro imperdoável. Em seu pensamento, meditava sobre Lud, a quem Deus confiou aos seus cuidados. Lud era um homem justo, mas, influenciado pela cultura capitalista, em muitos momentos fora egoísta e, às vezes, avaro. Herlano tinha a missão divina de torná-lo um homem indulgente e generoso. Olhou para ele, naquela noite, com os olhos iluminados pela felicidade de ter conseguido colocá-lo no caminho do bem, convencendo-o de que o propósito da reencarnação consiste em abrilhantar o espírito com as virtudes que o aproximam de Deus, como um diamante que adquire brilho ao ser lapidado. Apesar do caminho já percorrido, ainda havia muito chão pela frente.

POSFÁCIO

Quando lanço o olhar no passado, não sinto vergonha das minhas atitudes. Se errei, foi tentando acertar; se sofri, foi por tanto amar; se menti, foi para não magoar. Já me perdi nas trevas das noites cerradas sem enxergar a saída; já desisti da caminhada antes mesmo da partida; já fiquei sem chão para pisar nem rumo a seguir. No entanto, foi no caos dessas águas sem espuma, sem marola alguma, que aprendi a navegar entre as sombras, entre as ruínas, nutrindo-me das palavras que os ventos auspiciosos me traziam, palavras que me diziam que era possível avistar algum litoral na imensidade do oceano e transpor as muralhas que me confinavam no horror da escuridão que me paralisava e da distância que me desanimava. Por inúmeras vezes, tive de me reconstruir, de me reinventar como pessoa para permanecer de pé. São e salvo das tempestades adversas que me pegaram de surpresa quando eu fazia planos e abria sendas para chegar a um futuro melhor. O leitor há de concordar comigo que essas intempéries ocasionais, embora extensas e intensas, aos poucos perdem a força à medida que nos tornamos mais fortes que elas e, dia a dia, a vida vai ganhando um contorno mais nítido e o céu, antes nublado, vai adquirindo um azul cada vez mais límpido. Há sempre um porto seguro em algum litoral. O importante é não perder a esperança porque, uma vez perdida, perde-se também o entusiasmo.

A duras penas, conquistei um aprendizado que hoje me fortalece o espírito. Aprendi com as adversidades a me sentir seguro, mesmo quando levado pelo impulso de alguma forte corrente ou de alguma impetuosa ressaca. Aprendi que me torno forte na fraqueza quando não creio nela e que posso ultrapassar os obstáculos quando me vejo maior que eles. Quando lanço o olhar nos caminhos que percorri no passado, vejo pegadas ao lado das minhas, embora acreditasse caminhar sozinho. Eram as pegadas de Deus. Muitas vezes, o solo que me sustentava rompia-se à minha direita e à minha esquerda. Então, sentava-me cabisbaixo e triste, deixando-me levar pelo desalento e via-me diante no impasse entre desistir, adiar ou persistir na consecução dos sonhos que abraçara para dar sentido à vida. Nessas ocasiões, a fé em Deus foi a base sobre a qual prossegui a caminhada que planejava. Creio que para isto vim ao mundo: para conhecê-lo e auxiliá-lo quando me for favorável; para enfrentá-lo e vencê-lo quando me for desfavorável; para criar muros que me protejam dos inimigos e pontes que me aproximem dos amigos. Durante todo esse tempo vivido, o que despertou em meu espírito a ideia da superação foi a crença inabalável em um Poder superior ao meu e a evidência de sua presença singular na alegria e na tristeza, tão absoluta, extrema e concreta.

Assim pensa o autor a respeito de si mesmo e do mundo. Ler esta obra literária, em parte realista e em parte mágica, é lançar um olhar na complexidade do mundo e na simplicidade da vida, que são os temas de todo mundo. Os dramas e devaneios andam de mãos dadas neste romance que conjuga a constatação do definido e a suposição do indefinido. O leitor é convidado em cada capítulo a refletir sobre o mistério da existência.

O autor é o protagonista dos hábitos e costumes excêntricos adquiridos da cultura social e da capacidade nata de contentar-se com a luz lunar na falta da luz solar, um estimado companheiro de si mesmo nos dias azuis e cinzas que se revezam na vida, estando sempre um degrau acima do mundo exterior e mil degraus abaixo de Deus, a quem acompanha desde a infância com um olhar

interior que é uma mistura de assombro e adoração, espanto e devoção. Se a vida é uma arte, Deus é o Artista dos artistas.

Leonardo Miquelam

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Programa Nacional de Direitos Humanos. Brasília. Ministério da Justiça. 1996.

CALDWELL, Taylor. Médico de Homens e de Almas. 57ª edição. Rio de Janeiro. Editora RECORD. 2014.

FRANK, Anne. O diário de Anne Frank. 10ª edição. Rio de Janeiro. Editora RECORD. 1998.

GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas – a teoria na prática. 1ª edição. Porto Alegre. Editora ARTMED. 1995.

HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. 21ª edição. Rio de Janeiro. Editora GUANABARA. 1986.

WEBER, Max. Ciência e Política: duas vocações. 12ª edição. São Paulo. Editora CULTRIX. 2004.